DISPOSITIVOS DE APROXIMAÇÃO

OCUPAÇÕES TEMPORÁRIAS EM RUÍNA URBANA

Orientação
Ana Lúcia Machado de Oliveira Ferraz

Trabalho final de graduação
Arquitetura e Urbanismo
Centro Universitário Barão de Mauá

DISPOSITIVOS DE APROXIMAÇÃO: OCUPAÇÕES TEMPORÁRIAS EM RUÍNAS URBANAS

Talyssa Jade Alves Sepe

Ribeirão Preto, 2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail: talyssa2501@gmail.com

S479d

Sepe, Talyssa Jade Alves
Dispositivos de aproximação: ocupações em ruínas urbanas/ Talyssa Jade Alves Sepe - Ribeirão Preto, 2022.

130p.il

Trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Ana Lúcia Machado de Oliveira Ferraz

1. Ruína urbana 2. [Re]conexões 3. Arquitetura efêmera I. Ferraz, Ana Lúcia Machado de Oliveira II. Título

CDU 72

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB^{8} 9878

Sepe, Talyssa Jade Alves

Dispositivos de Aproximação: Ocupações em Ruínas Urbanas.

Trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel. Orientadora: Prof.ª Me. Ana Lúcia M. de O. Ferraz.

Data de aprovação: _____/_____ /_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Me. Ana Lúcia Machado de Oliveira Ferraz

Centro Universitário Barão de Mauá

_____

_____

AGRADECI-MENTOS

Agradeço aos meus pais que sempre incentivaram e apoiaram os meus sonhos, a minha mãe Edleuza que esteve ao meu lado acreditando no meu potencial, ao meu pai Pedro pelo apoio e pela grande companhia durante os levantamentos e maquetes e a minha querida irmã que esteve ao meu lado, aos meus avós, a Larissa e aos demais familiares que acompanharam um pouco de minha jornada.

A Ana Ferraz, minha querida orientadora que compartilhou seu vasto conhecimento, pelas conversas, inspirações, orientações e por sua disponibilidade que colaborou para o desenvolvimento desse trabalho.

Ao Henrique Vichnewshi, que acompanhou os primeiros momentos desse trabalho, por disponibilizar seu conhecimento e alguns documentos, pelas conversas e por auxiliar na aproximação do abandono histórico. Ao Onésimo que esteve em minhas bancas, pelas discussões e trocas, por ter indicado grandes artistas e arquitetos.

Aos meus amigos que esses 5 anos de arquitetura me proporcionou, em especial a Bruna, minha dupla dinâmica, pelas madrugadas que passamos juntas trabalhando, por todas as conversas, risadas e

momentos que compartilhamos. A Kamille, por sua grande amizade, companhia e energia contagiante, ao Felipe Malvassore, pelas músicas, filmes e por ser minha companhia de galeria.

RESUMO

Dispositivo de aproximação urbana, é reflexo da percepção da necessidade de ativar temporariamente as ruínas com caráter histórico, sinalizar e aproximar o usuário urbano dessas estruturas. Visa trabalhar através da interface entre arte, arquitetura e cidade, a busca de compreender as discussões sobre os espaços abandonados, que marcam o tempo urbano, e a relação entre a arquitetura, arte e o transitório. [arquitetura e tempo]

Aborda a ruína urbana pelo que ela oferece de mais potente, um local de livre apropriações e possibilidades, um fragmento que compõe parte do tempo da cidade. Pensa na ocupação temporária, remetendo a ideia de conectar a passagem do tempo e a memória coletiva da cidade. Transita entre tempos distintos, breves momentos, história, memória fugaz que vai marcando o espaço a cada segundo, a cada passo. Uma travessia temporal que estabelece como o lugar diferentes temporalidades e a cada momento, novas [re]conexões.

Palavra-chave: [re]conexões; ruína urbana; arquitetura efêmera; transitório; dispositivo de aproximação.

ABSTRACT

An urban approach device, it reflects the perception of the need to temporarily activate the ruins with a historical character, to signal and bring the urban user closer to these structures. It aims to work through the interface between art, architecture and the city, seeking to understand the discussions about abandoned spaces, which mark urban time, and the relationship between architecture, art and the transitory. [architecture and time]

It approaches urban ruin for what it offers most potent, a place of free appropriation and possibilities, a fragment that makes up part of the city's time. He thinks of temporary occupation, referring to the idea of connecting the passage of time and the collective memory of the city. It transits between different times, brief moments, history, fleeting memory that marks the space every second, every step. A temporal crossing that establishes as the place different temporalities and at each moment, new [re]connections.

Keywords: [re]connections; urban ruin; ephemeral architecture; transitional; approach device.

12 INTRO-
DUÇÃO

16

APROXI-
MAÇÕES
TEMPO-
RÁRIAS

56

88

28

TOPO-
GRA-
FIA DO
ABAN-
DONO

ESTRA-
TÉGIA
DE IN-
TERVEN-
ÇÃO NO
TEMPO

DISPOSI-
TIVO DE
APROXI-
MAÇÃO

REFE-
RÊNCIA

128

INTRODUÇÃO

O presente trabalho leva em consideração os espaços de abandono histórico na cidade de Ribeirão Preto. Visa, a partir de proposição de dispositivos de aproximações temporárias, aproximar e discutir o tempo e a memória da arquitetura e cidade.

Os locais de abandono são vistos como áreas negativas da cidade, se associando ao medo e ao perigo, não se limitando a invasões, marginalização e atividades ilícitas como ponto de venda e uso de drogas, além disso também há casos da apropriação do lugar realizadas por pessoas em situação de vulnerabilidade.

As cidades contemporâneas estão repletas de fragmentos do passado, algumas edificações com valor histórico foram restauradas e continuam com suas atividades, porém outras se tornaram ruínas que perderam seus atributos e são esquecidas pela cidade.

Apesar dos tombamentos desses edifícios, com objetivo de proteger da ação do homem, não está sendo o suficiente para a proteção da ação do tempo, isso ocorre principalmente nos patrimônios particulares, onde há maior conflito entre os órgãos de tombamento e os proprietários. Com as grandes exigências desses órgãos para a realização do restauro, a falta de recursos

financeiros e interesse estatal, os proprietários acabam abandonando esses patrimónios, negligenciando as mínimas manutenções para prevenir da deterioração, portanto havendo apenas uma conservação simbólica.

Os locais de ruína representam uma constante resistência contra o tempo, se mantendo através das memórias, tornando-se parte do que constitui as camadas da cidade.

A presente pesquisa traz questões de como ativar esses espaços no tecido urbano? De que maneira sinalizar e aproximar o urbano temporariamente dessas estruturas abandonadas, esquecidas e apagadas, que por vezes alimentaram uma percepção negativa, devido à alta marginalização?

O motivador e objetivo é aproximar o usuário urbano das áreas abandonadas, ativar temporariamente e dar visibilidade para os fragmentos esquecidos pela cidade, mesmo estando presentes no espaço, não estão constituindo o tecido vivo urbano. Esses edifícios sofreram um longo processo de degradação, seja pela renúncia de suas atividades e usos até a deterioração de sua materialidade, o corpo arquitetônico não mais acompanha as constantes mudanças do espaço

urbano, se tonando parte das diversas camadas do tempo que constitui a cidade.

O trabalho estrutura-se a partir de três momentos, no primeiro será abordado a topografia do abando, termo cunhado por Solá-Morales (1996), declarou uma transformação relacionada aos abandonos no espaço urbano. Durante o seu estudo teve como referência os trabalhos de alguns fotógrafos da década de 70, que por vez fotografaram lugares abandonados, desativados e esquecidos na expansão urbana. Ao estudar essas áreas, indicou os mesmos como lugares com potencialidades e de livre apropriação. Ainda nesse capítulo mencionamos as terminologias do abandono e os conceitos de ruínas e deterioração, e como a transitoriedade se relaciona com a arquitetura.

No segundo capítulo "Estratégias de intervenção no tempo" as referências projetuais são subdivididas e categorizadas como a presença da ausência, dispositivos de passagem e sinalizadores. Com propósito de entender essas estratégias de intervenções no tempo e auxiliar para o desenvolvimento dos dispositivos de aproximações temporárias. No capítulo "Aproximações temporárias", localizam-se os abandonos históricos da

cidade de Ribeirão Preto, através das listagens de bens sob regime de proteção, pelo CONPPAC (Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural) e a seleção de uma ruína para o exercício de reflexão projetual, aprofundando no contexto histórico juntamente com os levantamentos fotográficos. No capítulo “Dispositivos de aproximação” apresentamos a intervenção projetual.

TOPOGRAFIA DO ABANDONO

As discussões sobre o espaço urbano abandonado deram início entre 1970 e 1980 na Inglaterra e na França. Conforme Andrea Borde (2006) em sua tese "Vazios Urbanos: Perspectivas Contemporâneas" o debate iniciou por causa do grande número de espaços industriais abandonados na França, durante a crise econômica, não era possível incorporar novamente essas estruturas no tecido urbano. Devido a isso, surge o termo francês "friche industrielle", depois veio os termos "friche urbaine", "agricole", "culturelle" e "commerciale". Eles retratam as terras que não tem mais suas funções iniciais, sejam urbanas, culturais, comerciais, agrícolas ou industriais.

A terminologia na Inglaterra, não é tão específica, o termo "brownfield" relaciona-se às áreas industriais, e "derelict lands", define as áreas abandonados que estão próximos ao tecido urbano. Kevin Lynch (1990), define os espaços abandonados como "wasteland", são as áreas dos sem tetos, ciganos e dos criminosos.

> Wastelands são os refúgios das pessoas rebeldes, marginais, ilegais. Os pântanos eram os esconderijos dos escravos do sul. As montanhas abrigavam os guerrilheiros cubanos e os intelectuais deslocados da China. As margens frias e úmidas do norte da Rússia europeia eram ocupadas por idosos e fugitivos, mas também protegem as relíquias e as primeiras formas de algo novo. São lugares para sonhos, para atos anti-sociais, para exploração e crescimento. (LYNCH, 1990, p. 158)

O arquiteto Solà-Morales (1996), constrói uma “topografia do abandono”, iniciou uma nova percepção dessas áreas, tornando-se lugares para livre apropriação e possibilidades, porém espaços importantes para a cidade. O arquiteto revela o termo “terrain vague” com o objetivo de indicar o espaço abandonado, como ignorado, onde a memória do passado prevalece no presente. “Vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível, expectativa.” (SOLÁ-MORALES, 1996, p. 187)

> Por uma parte vague no sentido de vacante, vazio, livre de atividade, improdutivo, em muitos casos obsoleto. Por outra parte, vague no sentindo de impreciso, indefinido, vago, sem limites determinados, sem horizonte de futuro.
> (SOLÀ-MORALES, 1996, p.25)

Solà Morales e Kevin Lynch defendem a potencialidade do abandono, desmascarando a abominação desses espaços, entendendo-os como áreas de revitalização e reativação. Acreditam que a partir da apropriação dos abandonos, proporcionam diversas experiências urbanas.

Nos textos do arquiteto Carlos Teixeira, apresentam uma preocupação em manter os espaços abandonados

livres, sem que aja uma necessidade rápida de ocupa-los, essa condição é importante para a cidade, por ter a potência de transformação. Esses autores são essenciais para o entendimento das apropriações culturais e artísticas nas estruturas abandonadas, são situações que permitem atividades que não seriam capazes de serem realizadas em outro local.



Figura 01 - CEAGESP fonte: a autora, 2022

ABANDONO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

O abandono, faz parte de um impulso de instabilidade e destruição. Ao mesmo tempo que transforma a cidade e os habitantes, acaba deixando marcas de esquecimento nos edifícios. Tais transformações estão relacionados aos investimentos que supervalorizam alguns territórios e desvalorizam outros.

Essa instabilidade do espaço urbano faz com que haja a substituição das antigas estruturas conforme as novas necessidades espaciais, entre outras condicionantes causa o abandono dos imóveis. Também foi retratada no trabalho de Walter Benjamin.

> O caráter destrutivo não vê nada de duradouro (...), mas eis precisamente porque vê caminhos por toda a parte (...) o que existe ele converte em ruinas, não por causa das ruinas, mas por causa do caminho que passa através delas. (BENJAMIN, 1987, p. 237)

Luís Gonçalves (2013) em seu artigo "Ruínas Génericas: Estratégias de Intervenções em Construções Inacabadas", considera que o surgimento dos espaços abandonados é decorrente de diversos processos, como a desindustrialização e a subutilização. Tais processos são drásticos e repentinos, e por outro lado



os edifícios ou lugares abandonados tendem a manter em si seus espaços e obras. Dessa forma, o abandono pode ser considerado um rejeito de uma sociedade em crise, e aqui nos referimos às divergências de uma sociedade contemporânea que anseia pela mudança, mas não sabe assumi-la, trazendo nesse anseio, instabilidade econômica, assim interferindo na própria arquitetura que se coloca como um corpo rígido no meio das diversas transformações, representando um conjunto de arquiteturas abandonadas, sejam elas de aspectos patrimoniais ou não.

A multiplicação desses espaços, encontram-se em diversas cidades, perante a própria motivação da abstenção da sociedade na manutenção da história e vida de seus edifícios. A artista Giselle Beiguelman (2005) aborda no seu artigo " Em tempos de botox urbano, ruínas se tornam espaços críticos" que os espaços de abandono são lugares críticos, a degradação desses espaços contém uma áurea que instiga a complexidade da efemeridade e do transitório, na demonstração de tudo o que esses lugares deixaram de ser e dos seus atributos que foram perdidos. São edificações que passam por apropriação de diversas maneiras, seja para suprir um déficit habitacional,

apropriações artísticas, ou por vezes apropriações ilícitas, se associando ao caráter marginal. São espaços que remetem à cidade em movimento, revelando os inúmeros motivos que transformam o espaço urbano, seja a economia ou o tempo.

Figura 02 - Cianê Matarazzo fonte: Caio Bogar, 2022

Figura 03 - CEAGESP fonte: a autora, 2022





O CONCEITO DE RUÍNA E DETERIORAÇÃO

O conceito de ruína para Cirlot, (1984,p.506) “seu sentido simbólico óbvio e literal, significa destruições, a vida morta”, faz referências a carência de uma utilidade e função, para ele as ruínas são símbolos relacionados aos aspectos biológicos das mutilações.

Para o autor Soriau, (1998,p.977) ruína como algo estético, fazendo referência aos sinais de uma estrutura relativamente destruída. Já para Calvo a ruína é como um “edifício ou conjunto de construções em estado avançado de destruição. Em alguns momentos, como na época romântica, adquiriram um grande valor simbólico” (CALVO, 1997, p.199) dando início aos critérios dos movimentos anti-intervencionistas no edifício patrimonial.



A ruina está interligada com o tempo, seja como testemunha de um tempo passado ou para o entendimento do presente. São como fragmentos matéricos do passado, seja por antigas civilizações ou por alterações nos espaços urbanos, sendo caracterizado por não terem mais suas formas originais. Conforme Brandi, a “ruína será, pois, tudo aquilo que é testemunho da história humana, mas com aspecto bastante diverso e quase irreconhecível em relação



Figura 04 - Palacete Albino Camargo Neto fonte: a autora, 2022

Figura 05 - Palacete Camilo de Mattos fonte: a autora, 2022

àquele de que se revestia antes" (BRANDI. 2004, p.65). O objeto encontra-se descaracterizado pela perda da matéria, impossibilitando a visualização de sua forma inicial.

Carlos Fortuna (1995) em seu artigo "Por entre as ruínas da cidade: o patrimônio e a memória na construção das identidades sociais". Descreve que o papel da ruína, por um lado "as ruínas ilustram transitoriedade e decrepitude" e por outro que "as ruínas são realmente fragmentos e sinais do passado. Ainda que seja um passado imaginário, e por isso mesmo, elas reconfortam-nos, tanto pessoal como coletivamente" (FORTUNA, 1995,p.13). Estabelece primeiramente, que o exercício do passado é como uma simbologia da antiguidade, uma valorização cultural, política e tecnologia de uma sociedade, com a continuação desses princípios, constitui-se uma segurança de identidade coletiva e individual, criando uma estabilidade conforme o caos do presente, enfim, a ruína representa a ligação entre os dois tempos, colaborando para o entendimento do passado.

Segundo Kevin Lynch (2005), no seu livro "Echar a perder: um analisis del deterioro" a temporalidade de



Figura 06 e 07 - Cianê Matarazzo fonte: Caio Bogar, 2022

tudo que existe demostra que a deterioração transpassa as instancias da vida do homem, solicitando uma constante manutenção e conservação. Mesmo que o fim da degradação seja o mesmo, os resíduos das edificações se distinguem conforme as características de cada situação.

Desse modo a uma diferença entre a deterioração em curto e longo prazos. Os objetos de curto prazo estão relacionados ao processo da perda de sua função não correspondendo a mesma. Porém a degradação de lugares como as edificações e paisagens, passa a ser um longo processo gradual da perda de seus usos e funções, assim perdendo o seu valor.

Analisando essas duas categorias, pode se dizer que a deterioração afeta maior os que são substituídos com facilidades, assim correlacionando com a arquitetura, o objeto arquitetônico atrasa esse processo, porém não o nega.

Também pode-se analisar que além da deterioração ser algo abrangente ela continua sendo ignorada pela sociedade, levando a humanidade para a temporalidade das coisas e a impermanência.

DURAÇÃO E DESAPARECIMENTO

A primeira definição de efêmero é algo que tem duração de apenas um dia, porém, pode-se considerar como algo que tem um desaparecimento próximo, tudo é temporário relacionando a eternidade. Desse modo também é na arquitetura, ela se modifica e se deteriora, mas sua memória permanece.

A arquitetura representa uma resistência ao esquecimento, incessantemente procurando uma identidade na cidade. O objetivo dos edifícios patrimoniais e também dos que viraram ruínas, é manter uma imagem de uma sociedade, sendo memória e orientação auto referencial da cidade. Conforme Choay em seu livro “A Alegoria do Patrimônio” (2013), o patrimônio “tem como finalidade fazer reviver no presente um passado engolido pelo tempo” (2013).



A passagem do tempo no patrimônio faz pensar em suas futuras condições, referindo-se a ruína, estando interligada a memória, Além de sua memória histórica ela também está no presente, desempenhando o seu papel fundamental nas cidades, sendo fragmentos do passado e testemunha do que já foi.

A história da arquitectura foi narrada, basicamente, através de arquitecturas estáveis. Em busca das origens da arquitectura, sempre se usou a imagem da cabana primitiva, nunca a da primeira tenda. Porém, paralelamente, a essa história, poderiam ser traçadas as linhas de outra bem distinta, sobre uma arquitetura sem solo fixo.
(PUENTE, 2000, p.11)

A arquitetura que o autor cita, arquitetura efémera, transitória e temporária, se faz questionar o quanto é importante uma arquitetura que deixará de existir, tornando a uma ferramenta para as intervenções a respeito a contemporaneidade.

Considerando que os edifícios são efêmeros, sem determinar sua duração para ser temporários ou não, a percepção de efemeridade cresce com a redução do tempo que um edifício permanece.



Figura 08 - Cianê Matarazzo
fonte: Caio Bogar, 2022

E

R

T

S

A

TÉ A

G

DE IN-
TER-
VEN-
ÇÃO
NO
TEM-
PO

Como dito no capítulo anterior o abandono ocorre devido a alguns fatores, tornando importante reconhece-lo como parte dos fragmentos que constituí a memória da cidade, sendo um lugar de livre apropriação que possibilitam experiências urbanas. Afim de ativar temporariamente e aproximar o urbano de um abandono foi selecionado referencias efêmeras que intervém em alguns espaços e preexistências.

Cada referência projetual contém suas singularidades que adentram nos interesses do trabalho, para maior entendimento foram categorizadas da seguinte maneira: **ausência**, remete ao elemento arquitetônico que ali existia; **percurso**, como ação de percorrer para cima ou para baixo que faz alusão ao temporário, e **sinalizar**, traz visibilidade e rompe com a casualidade do espaço urbano.

AUSÊNCIA

FLOOR PLAN
Melissa Gould

COTA 10
Crua Arquitetos

PERCURSO

SEM TÍTULO
Laura Vinci

ELEVADOR
Paulo Mendes da Rocha

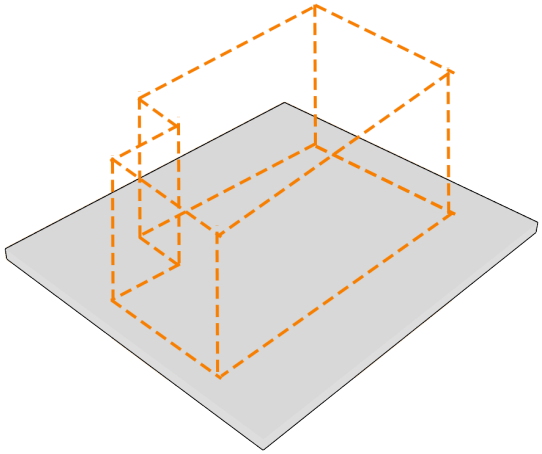
SINALIZAR

L'ARC DE TRIOMPHE, WRAPPED
Christo e Jeanne-Claude

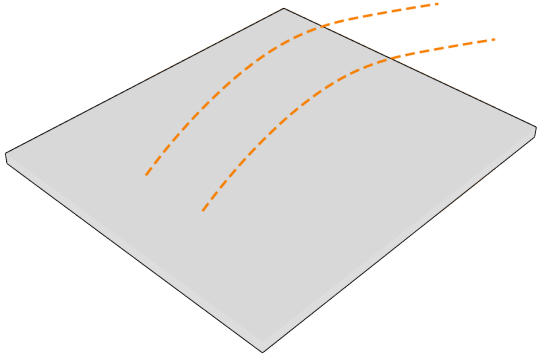
A PISCINA DO PARQUE LAJE
Penique Productions

s. f. (lat. absentia,ae) 1. Situação ou condição de não comparecer ou não estar presente 2. Inexistência, carência ou escassez; 3. Distanciamento ou separação.

AUSÊNCIA



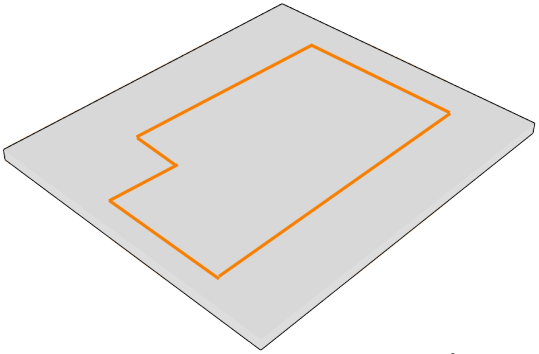
Ausência da sinagoga



Ausência da perimetral

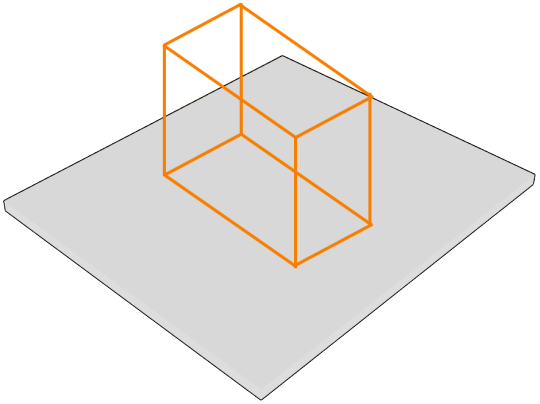
Diagrama 01,02 - ausência
Floor Plan
Diagrama 03,04 - ausência
Cota 10

FLOOR PLAN Melissa Gould



Memória

COTA 10 Crua Arquitetos



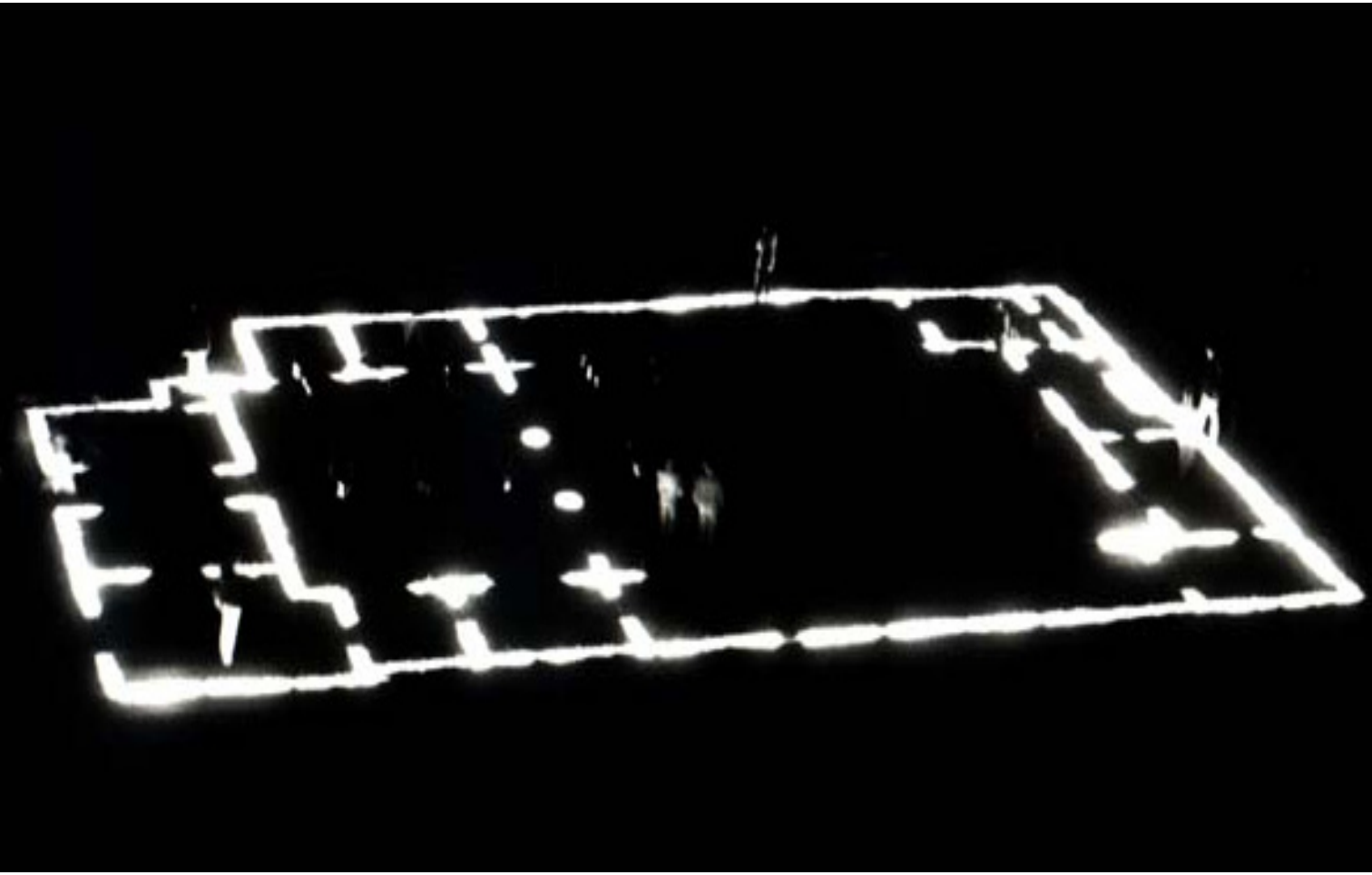
Memória

FLOOR PLAN

Melissa Gould explora eventos e memórias históricas e do coletivo humano através da instalação. A instalação Floor Plan, foi uma obra em memória ao Holocausto, consiste em uma planta baixa em escala real da antiga sinagoga de Berlim. Iluminada por luzes fluorescente no nível do solo, com vários alto-falante onde ouvia milhares de vozes cantando.

A luz para Gould simboliza “a eterna luz ardente em todas as sinagogas”, em referência a vida e aos incêndios durante a Segunda Guerra Mundial. O som composto por Alvin Curran, foi distribuída sob o solo, as vozes acompanhavam a planta baixa, assim criando uma atmosfera quase que fantasmagórica, representando um edifício e vidas que existiram e foram destruídas pela guerra.

Figura 09 - Floor Plan, Melissa Gould, 1991 - Berlim
fonte: http://www.alvincurran.com/Notes%20From%20Underground.html



COTA 10

O projeto Cota 10, é outra intervenção temporária que remete a ausência, ocorreu através da mostra de ocupações artísticas “Permanência e destruição”, buscavam estimular a reflexão quanto a demolição do elevado da perimetral do Rio de Janeiro, durante um tempo foi um dos mais importantes meios de conexão viária da cidade, até que 2014 houve sua demolição.

A instalação busca conduzir o público até uma escada composta por estruturas de andaime sua plataforma sobe à 10 metros do solo, era a cota onde se localizava a bandeja perimetral. Dourou uma semana, após a instalação as peças da estrutura foram reutilizadas em outras construções da cidade.

Figura 10 - Cota 10 (Crua Arquitetos, 2015 - Rio de Janeiro) fonte: https://www.grua.arq.br/projetos/cota-10





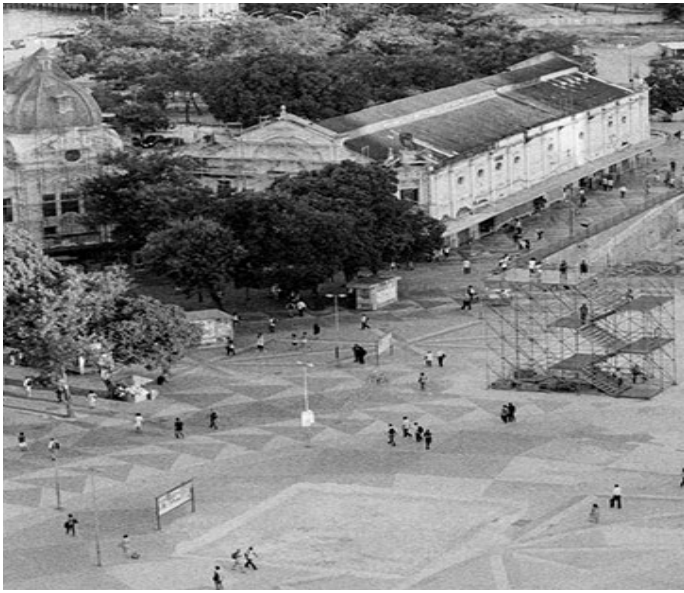




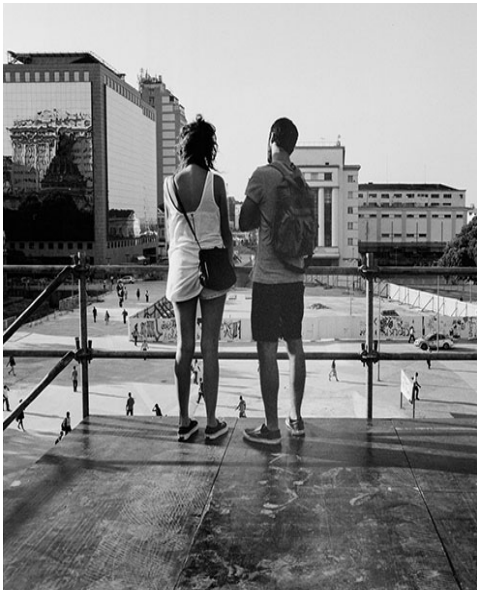




Figura 11 à 18 - Cota 10 (Crua Arquitetos, 2015 - Rio de Janeiro) fonte: https://www.grua.arq.br/projetos/cota-10





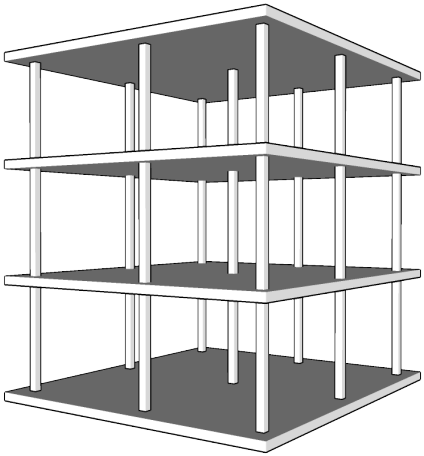




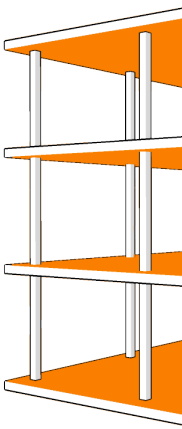


s. m. (1. percursu) 1. Ação ou efeito de percorrer; 2.Espaço percorrido; 3. Movimento; 4. Caminho, giro, trajeto em geral.

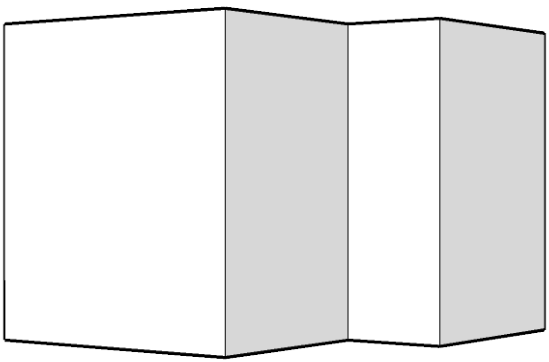
PERCURSO



Preexistente

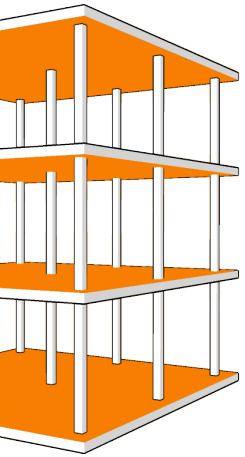


Estrutura só

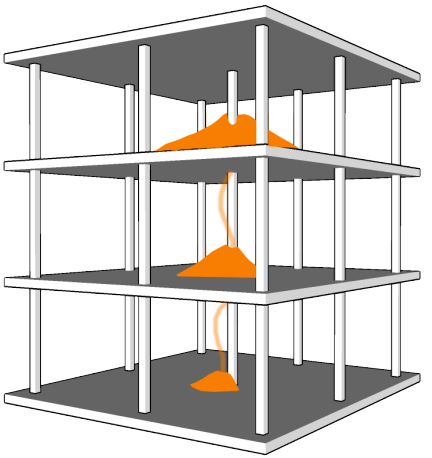


Preexistente

Diagrama 05,06 - percurso
Sem título
Diagrama 07,08 - ausência
Elevador

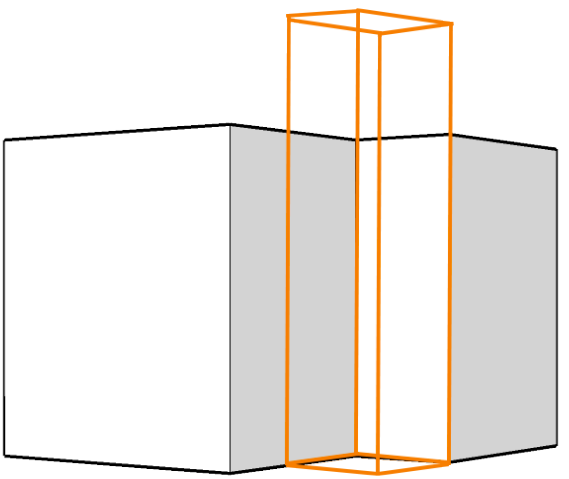


olida



Percurso temporal

SEM TÍTULO
Laura Vinci



Percurso físico

ELEVADOR
Paulo Mendes da Rocha

SEM TÍTULO

Durante o evento ARTE/CIIDADE III, a artista Laura Vinci fez uma instalação no prédio Moinho que se encontrava em estado de abandono, fez um dispositivo de dissolução dessa imensa estrutura sólida.

A obra era um amontoado de 50 toneladas de areia dispostas no 3 pavimento, através dos furos da laje se esvaecia, refazendo-se no andar inferior, era como se o edifício estivesse se desfazendo, como se o processo de erosão reordenasse a disposição desse volume em concreto, assim criando conexões em uma organização espacial compartimentalizada. Faz alusão à passagem do tempo, com a ideia de ampulheta e a erosão, fazendo refletir sobre o tempo conduzido pelo ciclo da natureza.

Figura 19 - Sem título (Laura Vinci, 1997 - São Paulo)
fonte: https://www.lauravinci.com.br/1997semtitulo



ELEVADOR

Ainda durante o evento ARTE/CIDADE III, Paulo Mendes da Rocha também fez uma instalação temporária Moinho, instalou um elevador de obra programado para realizar o percurso de subir e descer continuamente. Essa obra faz referência a verticalização da cidade de São Paulo, onde existia 1600km de elevadores e somente 250 km de linhas de metrô e trem.

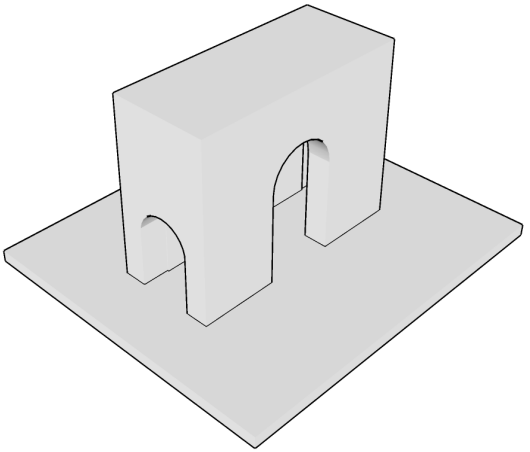
Esse equipamento busca fazer enxergar outros artefatos que se encontram no cotidiano urbano, atentando-se para a cidade e sua dimensão mecânica.



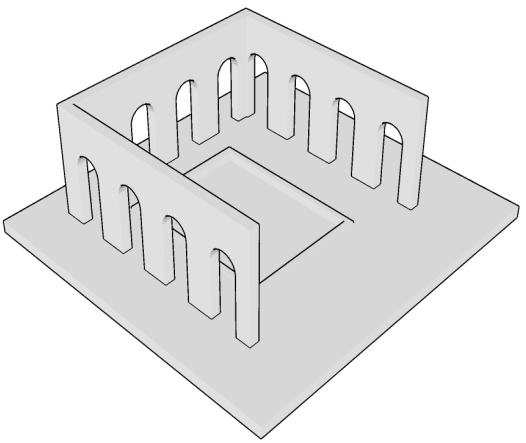
Figura 20 - Elevador (Paulo Mendes da Rocha 1997 - São Paulo) fonte: https://www.pucsp.br/artecidade/site97_99/ac3/artist/paulo_mendes.html

v. tr. \ v.intr. (sinal + -izar) 1. marcar um sinal 2. fazer sinal 3, Pagar um sinal em relação a compra de algo 4. Exercer as funções de sinaleiro.

SINALIZAR



Preexistente

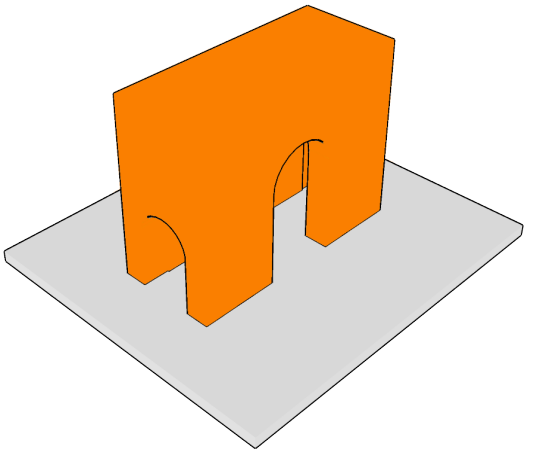


Preexistente

Diagrama 09,10 - sinalizar
L'arch triomphe wrapped
Diagrama 11,12 - sinalizar
A piscina do parque laje

L’ARC DE TRIOMPHE, WRAPPED

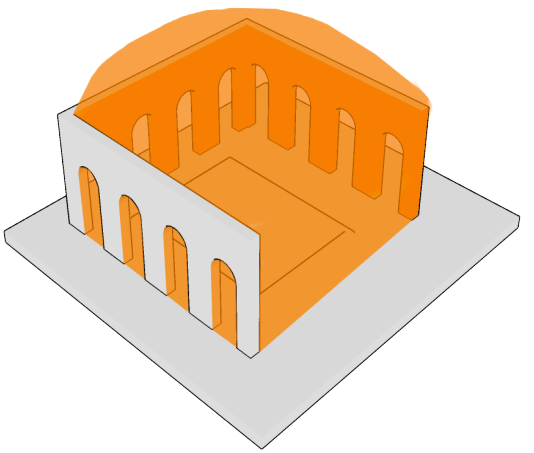
Christo e Jeanne-Claude



Sinalizar

A PISCINA DO PARQUE LAJE

Penique Productions



Sinalizar

L'ARC DE TRIOMPHE, WRAPPED

As intervenções de Chisto e Jeanne-Claude têm características de empacotamento de paisagens naturais ou urbanas, criam barreira e rompem com a casualidade, são ações onde a arte se envolve com a arquitetura e o espaço urbano. No artigo "Os monumentos temporários do artista Christo Javacheff" de Sylvia Furegatti, descreve que as obras efêmeras são feitas para durarem quatorze dias, pois os artistas acreditavam que era o tempo para atrair o público e instigar a memória coletiva.

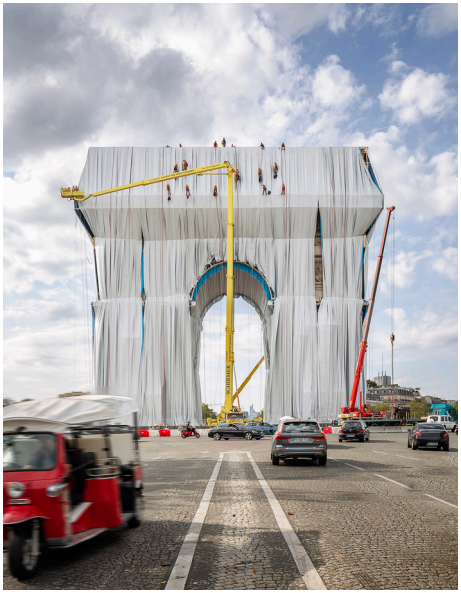
Não há nada no mundo tão invisível como os monumentos. Eles sem dúvidas são erguidos para serem vistos, na verdade para chamarem a atenção, no entretanto, estão impregnados de invisibilidade
(Freire, 1997)

Nessa instalação efêmera póstuma dos artistas, envolveu o Arco do Triunfo em Paris com 25.000m^2 de tecido polipropileno azul-prateado, juntamente com cordas vermelhas. Era como se a obra completasse o tecido urbano.

Será como uma coisa viva que ganha vida com o vento e reflete a luz. As dobras se moverão, as superfícies do monumento se tornarão sensuais. As pessoas vão querer tocar o Arco do Triunfo. (Christo)



Figura 21 - L'arch triomphe wrapped (Christo e Jeanne-Claude
2021- Paris) fonte: archdaily.com - fotografia: Jad Sylla









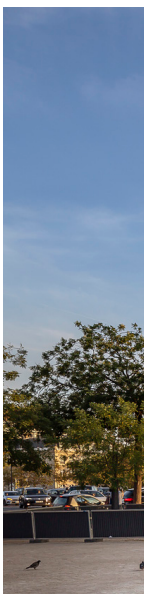


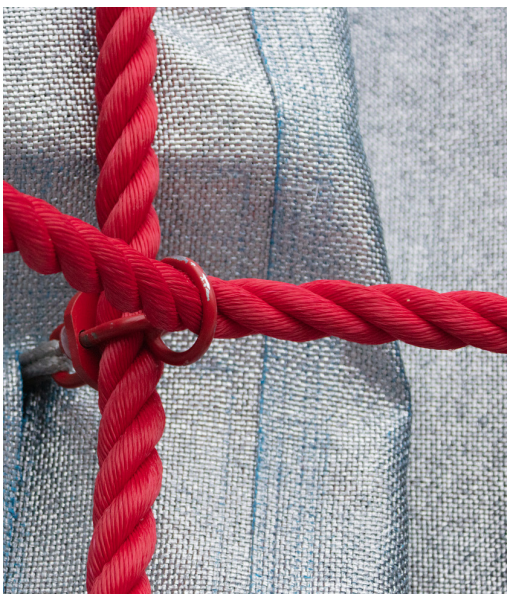
Figura 22 à 29 - L'arch triomphe wrapped (Christo e Jeanne-Claude 2021- Paris) fonte: archdaily.com - fotografia: Jad Sylla











A PISCINA DO PARQUE LAGE

Seguindo a linha de ações efêmeras sinalizadoras, o coletivo Penique Productions realizou a instalação site specific "A Piscina do Parque Lage". A instalação inflável alaranjada cobre todo o pátio histórico, invadindo cada alcova, ameaçando sair do edifício, apagando todos os detalhes. Se expande até o ponto que o objeto se relaciona com a arquitetura do lugar, ela faz ver o vazio através dos vãos da edificação.

Ao acessar a obra o espectador observa como o espaço anterior foi reconfigurado pelo plástico monocromático, onde apenas se vê as formas do lugar que se converteu em artes. Essa instalação da visibilidade para o espaço, permite que cada usuário tenha uma vivencia diferente do lugar.

Figura 30 - A piscina do parque laje (Penique Production
2015- Rio de Janeiro)
fonte: https://www.peniqueproductions.com/project/a-piscina-do-parque-lage/



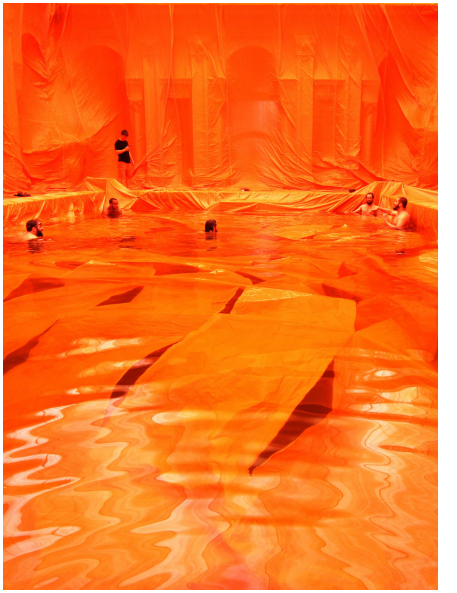




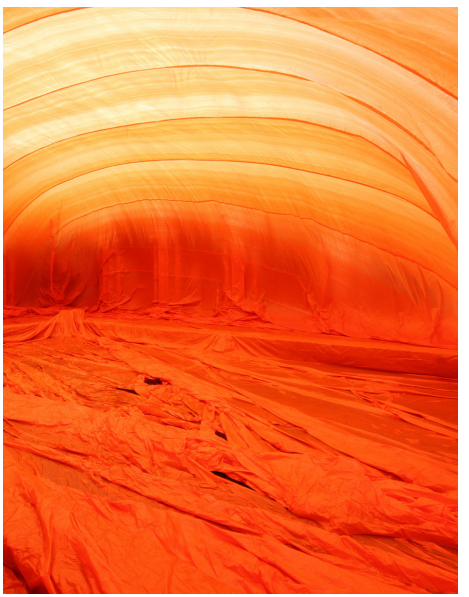


Figura 31 à 37 - A piscina do parque laje (Penique Production
2015- Rio de Janeiro) fonte: https://www.peniqueproductions.com/project/a-piscina--do-parque-lage/












A O
R I
P X A

M Ç Ã E

TEM-
PO-
RÁ-
RIAS



CIDADE E PATRIMÔNIO EM ABANDONO

ANTIGA FÁBRICA MATARAZZO CIANÊ
(1948)

ESTAÇÃO BARRACÃO
(1900)

ANTIGA FÁBRICA DE REFRIGERANTE DOURADINHA
(1953)

ANTIGA FÁBRICA DE GARRAFA
(1993)

ANTIGA CERVEJARIA ANTARCTICA
(1911)

HOTEL BRASIL
(1921)

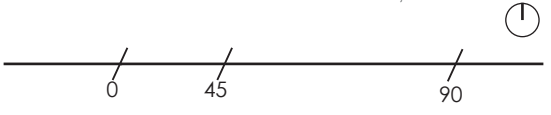
PALACETE CAMILO DE MATOS
(1921)

PALACETE ALBINO CAMARGO NETO
(INÍCIO DO SÉCULO XX)

CASA CARAMURU
(APROX. 1983)

GALPÃO CEAGESP
(APROX.1927)

Mapa 01 -Cidade e patriônio em abandono
Fonte: a autora, 2022





PONTO DE INTERVEN-ÇÃO

A partir da listagem de bens sob regime de proteção fornecida pelo CONPPAC (Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural) , foi desenvolvido o mapa apresentado anteriormente, pontuando e localizando os patrimônios em estado de abandono de Ribeirão Preto. De início foi selecionado uma ruína patrimonial como ponto de intervenção, o antigo galpão regulador de café CEAGESP (Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo) está localizado entre a Av. Bandeirantes e a Av. Patriarca no bairro Vila Virginia.

Mesmo sendo um patrimônio protegido pelo CONPPAC, não foi o suficiente para proteger da negligencia e da ação do tempo. O antigo galpão perdeu seus usos e funções, a temporalidade e o processo de deterioração são evidentes em sua matéria, encontrando-se em estado de ruína. Sua arquitetura não mais constitui o tecido vivo urbano, tornou-se um espaço de ninguém, esquecido e desassistido, sua área transmite grande tensão gerada pela negatividade devido ao alto teor de marginalização e atividades ilícitas.

Figura 38 - localização CEAGESP
Fonte: a autora,2022

ECONOMIA CAFEEIRA DE RIBEIRÃO PRETO

Ribeirão Preto teve sua formação no início do século XIX, suas terras foram ocupadas não longo do Rio Pardo por agricultores, mineiros e criadores de gado, buscavam terras desocupadas, procurando se distanciar da decadência da mineração. No início da cidade, diversas fazendas formavam as áreas que posteriormente se tornaria o município, sua fundação se deu em 19 de julho de 1856 e denominado como distrito de paz em 02 de abril de 1870, e categorizada como município em 12 de abril de 1971.

Com os conflitos de terras e a decadência da produção cafeeira do Vale do Paraíba no Rio de Janeiro e com a chegada da ferrovia, contribuirão para que Ribeirão Preto fosse explorada pela produção agrícola, a produção de café foi a primeira atividade agrícola efetiva. Entre 1870 e 1900 o café produzido já estava sendo conhecido pelos países da Europa.

A Organização Mogiana foi criada a partir do capital cafeeiro juntamente com o apoio dos acionistas proprietários de fazendas de café. Em 1880, a companhia recebe a autorização para a construção das linhas férreas, ligando a Casa Branca e Ribeirão Preto, assim possibilitando que a produção dessa região fosse levada com rapidez e menor custo até o

Porto de Santos.

A primeira estação provisória foi construída em 1883, localizada no início da Av. Caramuru, nos terrenos do Sr. André Maria Ferreira Villalobos. Em 1884, foi inaugurada a estação definitiva, ficava localizada na Rua General Osório., sendo uma das principais ligações ao Largo da Matriz.

Com a prosperidade da cidade como centro cafeeiro, atraiu diversos imigrantes devido a extinção do tráfego negreiro em 1850, as fazendas do Oeste Novo estavam com escassez de mão de obra, precisavam de mais para garantir sua expansão. Grande parte dos imigrantes eram formados por europeus, principalmente italianos, essa imigração ocasionou algumas transformações na paisagem social e cultural da região, colaborando para o crescimento da cidade, formação da classe média devido aos trabalhadores assalariados e a transformação na mentalidade dos fazendeiros escravocratas.

Entre 1910 e 1920 o setor agrícola passa por algumas dificuldades, devido a “baixa do café”, assim ocasionando uma procura por novas formas de produção econômica. Com a diversificação da economia da cidade, gerou migração de trabalhadores

de outras cidades. Sendo assim, a circulação de capital não dependia somente do café, mas também abrindo espaço para os comerciantes, empresários, trabalhadores livres e para as indústrias. Mesmo com a queda das exportações do café devido a quebra da bolsa de Nova York de 1929, a cidade não dependia apenas desse setor, consequentemente conseguiram passar pela crise.

Ribeirão Preto passa a comportar o setor industrial e comercial, melhorando a implantação de infraestrutura urbana e os equipamentos urbanos, A cidade passa a aderir o estilo eclético em sua arquitetura, as principais obras da elite cafeeira eram realizadas por mestre de obra italianos e com materiais importados.

Com a queda das vendas do café para o exterior o Governo Federal comprou toda a produção, para evitar que a principal economia entrasse em colapse total. Posteriormente surgiram novos cafeicultores que organizaram a cooperativa dos cafeicultores da Alta Mogiana, essa cooperativa tinha como objetivo armazenar, beneficiar e padronizar o café, juntamente com suas entregas direta à exportação. Porém com o aumento da cana de açúcar em 1970 se deu o fim da produção cafeeira na região.



Figura 39 - fazendas que formavam Ribeirão Preto
Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto



Figura 40 - Estrada de ferro construida pela companhia Mogiiana
Fonte: estacoesferroviarias.com.br

no ano 1887 nas terras de Ribeirão Preto, foi criado o Núcleo Antônio Prado, localizava-se na várzea do Ribeirão Preto e do Córrego Retiro Saudoso, juntamente com a estrada de ferro Mogiana. A partir disso criasse o núcleo urbano, o comércio, as fábricas e os casarões dos fazendeiros cafeeiros. Em 1883 chega os trilhos da Mogiana, iniciando as obras de alinhamento dos primeiros trechos do Ribeirão Preto, colaborando para a ampliação da área central e das obras de infraestruturas.

A urbanização foi tomando forma conforma a necessidade de expansão, fora do núcleo urbano original formou-se o bairro Vila Virginia, onde foi construído os armazéns reguladores de café, estando localizado entre a Av. Bandeirante e a Av. Patriarca, colaborando para o processo de expansão econômica cafeeira.

O Banco de Crédito Hypotecário e Agrícola do Estado de São Paulo, empenhava o seu capital em prol a agricultura paulista, assim mantinha uma agência em Ribeirão Preto. O gerente da agência regional Sr. Malferrari, apresentou para a diretoria do banco o projeto dos armazéns de depósitos, com a aceitação do banco iniciou a compra dos terrenos.

Nos artigos do "Jornal Diário da Manhã" de 1909, diz que a construção desses galpões representaria para os lavadores a oportunidade de expor os seus produtos, e para os investidores representaria garantia de comercialização, simplificando os empréstimos e gerando movimentação na economia. Após a colheita do café e o preparo para a venda, o café tinha a oportunidade de ser vendido para os galpões com mantido em conservação em troca de pagamento de impostos, até que fosse para a exportação.

Os armazéns foram implantados em uma área de 42.955,10m^2, o primeiro armazém implantado na área 03 foi construído no início da década de 10, em torno de 1912 e 1913, obtendo o número 69, apresta uma área de 20.000m^2. O segundo armazém localizado na área 02 foi construído no final da década de 20, aproximadamente 1927 sob o número 67, ocupando uma área de 22.955,10m^2.

Através do acordo entre o governo federal e a companhia ferroviária, havia um o ramal Jataí ferroviário Mogiana, ficando sob a plataforma para a carga e descarga. Para evitar possíveis incêndios, foi construído uma torre de cimento armado para armazenar em torno de 30 mil litros de água, através da canalização de ferro essa

água era distribuída para 24 bocas que havia nos dois armazéns e plataformas.

Com o surgimento de outros meios de transporte, houve a decadência dos transportes ferroviários e através do decreto n° 35.599, de 06 de outubro de 1959 a autorização do Instituto do Café do Estado de São Paulo, em adquirir mediante escritura publica da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, os terrenos onde estavam localizados os armazéns reguladores.

A influência da Coorporativa de Ribeirão Preto diminui na década de 70, por conta do surgimento de outras coorporativas e da expansão da cana de açúcar. Devido a isso, houve a alteração da razão social, tornando-se a Cooperativa dos Agricultores da Alta Mogiana.

> Mesmo com esse nome e trabalhando com outros produtos, a Cooperativa poderia e deveria continuar existindo, diz o seu inventor, nomeado pelo INCRA em 1979, Guaracy Ribeiro Monteiro. Quando ele assumiu, já existia uma ação de despejo, por falta de pagamento de alugueis movida pela CEAGESP que se tornou proprietária do prédio originalmente pertencente ao Instituto Paulista do Café e que, diz Guaracy, construído graças aos recursos proporcionados pelos cafeicultores, estava desativado quando se deu permissão de uso a Cooperativa. (CIONE, 1985, p.179)

A CAFEGRAM estava com os aluguéis atrasados, porém o pagamento das dívidas foi feito em parcelas, permitindo que a CEAGESP deixasse a cooperativa permanecer por mais um tempo. Mas com a reivindicação realizada pelo governador do estado, com a intenção de amenizar os problemas, puderam permanecer até a liquidação das dívidas e fechar em 1982.

Entre a crise e a mudança da razão social, ocorreu a comemoração do centenário da cidade de Ribeirão Preto em 1956. Os galpões tomaram outro sentido, devido a implantação da Feira de Exposição Industrial Comercial. Conforme o engenheiro Dr. Jaime Zeiger, responsável pelas obras, o local para a exposição, abrangia um de 5.000m². Outro destaque eram as pinturas e esculturas realizadas pelo artista Bassano Vocarini. Após as comemorações as esculturas foram colocadas em frente a Casa da Cultura no Morro do São Bento. Após o evento os galpões voltaram a ser desativados.

Figura 41 - Área onde se encontra os armazéns segundo
Fonte: Secretária do Planejamento e Gestão Ambiental, 2008

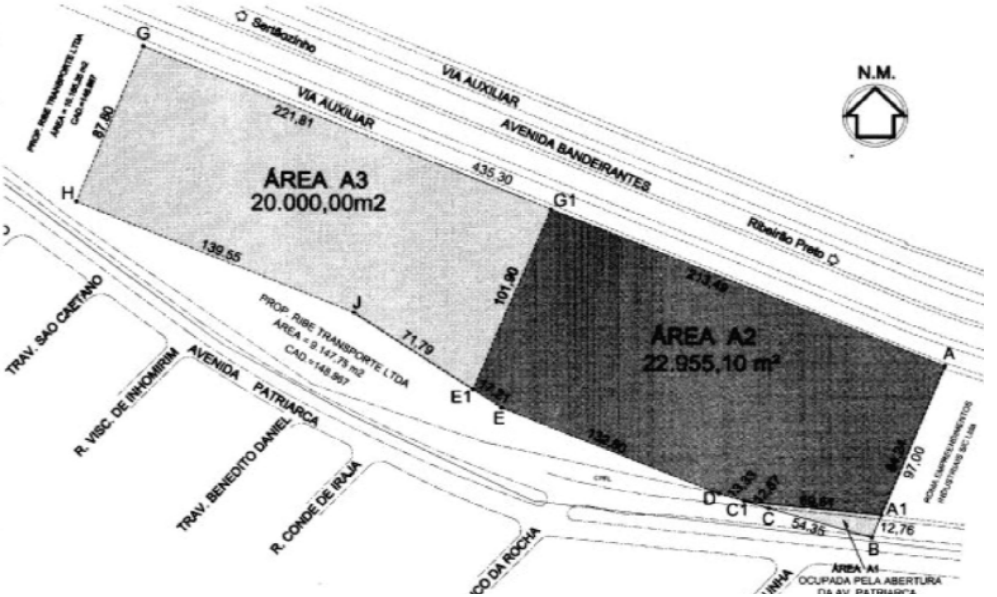


Figura 42 - Implantação dos armazéns
Fonte: CEAGESP

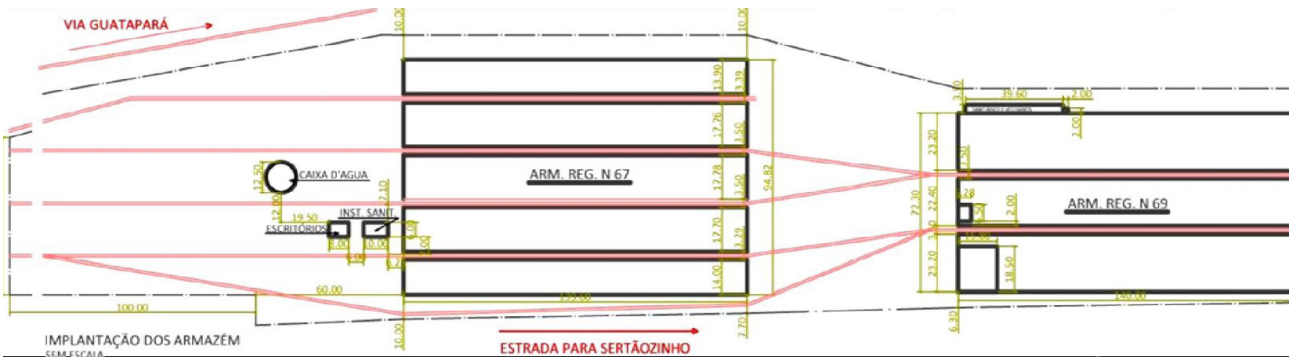




Figura 43 - Detalhe de uma das três esculturas feita por Vaccarini para compor o entorno ajardinado dos armazéns
Fonte: Mateus Passaglia



Figura 44 - Uma das fachadas dos armazéns mostrando a intervenção de Bassano Vaccarini para comemoração do centenário da cidade
Fonte: Mateus Passaglia



Figura 45 CEAGESP
Fonte: Mateus Passaglia,2009

1995

Já apresenta algumas telhas faltando

Ausência da cobertura e aberturas na alvenaria

2011

Figura 46 CEAGESP
Fonte: Google Street View





Figura 47 CEAGESP
Fonte: Google Street View

2021

Aumento das aberturas na alvenaria e vegetação interna

Aumento das aberturas na alvenaria e da vegetação interna

2022

Figura 48 - CEAGESP
Fonte: a autora, 2022





Figura 49 - CEAGESP
Fonte: Mateus Passaglia

1995

Interior do armazém n°67

Interior do armazém n°67

Figura 50 - CEAGESP
Fonte: Mateus Passaglia

1995





2009

Interior do armazém n°67
sem cobertura

Figura 51 - CEAGESP
Fonte: Fernanda Carmo,2009

Interior do armazém n°67
sem cobertura e tomado pela vegetação

2022

Figura 52 - CEAGESP
Fonte: Pedro Sepe, 2022



CEAGESP HOJE

Na atualidade os armazéns pertencem a Prefeitura de Ribeirão Preto, obtiveram a posse no período de 1997/2000, com o objetivo de construir o centro administrativo, porém não foi realizado. No ano de 2000 o galpão n° 69 foi utilizado por uma Fábrica de Equipamentos Sociais, era comandada pelo arquiteto e urbanista João Fiqueiras Lima, era produzido peças pré-fabricadas, mas não durou muitos anos. Em 2003, o galpão suportava a Associação dos Produtos de Hortifrutigranjeiros de Ribeirão Preto e Região e o Banco de Alimentos. Porém o segundo galpão continua sem uso e abandonado.

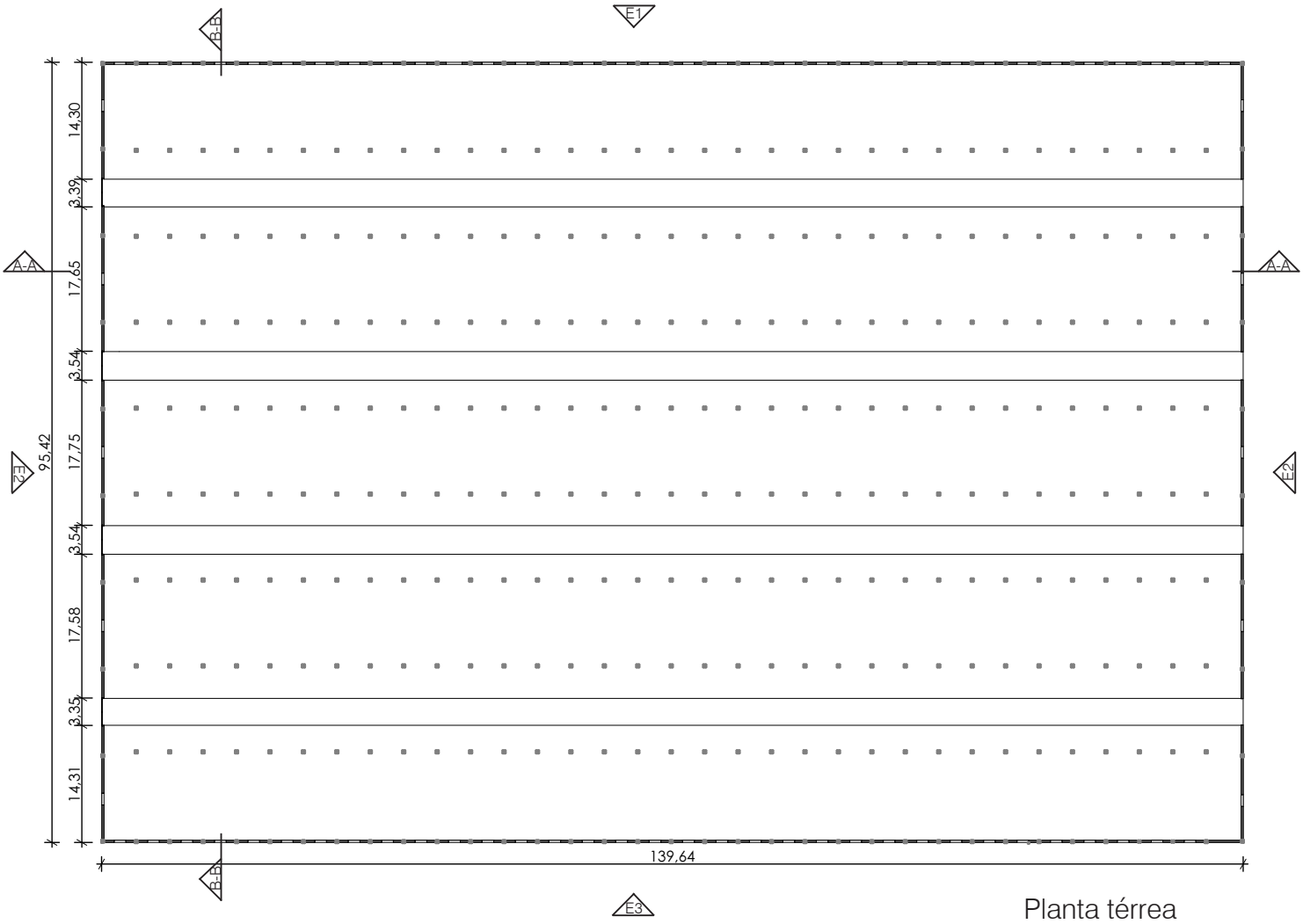
Os armazéns foram tombados provisoriamente em 2014 pelo CONPPAC-RP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto) e em 2015 foi apresentado no parecer técnico para dar início ao processo de tombamento definitivo.

As atribuições encontradas no armazém são pertencentes a um quadro arquitetônico do século XIX. Até o momento não foi localizado documentos que descrevam com exatidão os detalhes técnicos e materiais usados em sua construção ou nos seus primeiros anos.

A Planta do armazém de estudo n°67 tem uma forma

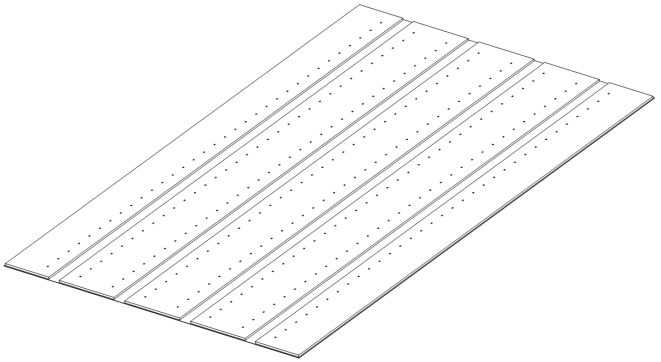
retangular segmentada em cinco partes por entre as passagens dos trilhos, criando áreas elevadas de 0,60cm, as sequências de pilares de concreto armado tinham função de suportar o telhado e as tesouras de madeira. Não havia divisórias em seu interior e as paredes laterais foram feitas em alvenaria.

Acredita-se que devido a um temporal entre 1995 e 2001 diversas telhas foram levadas pelo vento, ou algumas levadas para um sítio, e por volta de 2002 e 2003 os materiais que compunha a cobertura, como as telhas corrugadas e a estrutura de madeira, foram furtados. Há relatos que o furto da cobertura foi para algumas construções da Favela das Mangueiras, no Jardim Piratininga. Os danos causados nas alvenarias próximos à linha de cobertura, são danos causados por vandalismo devido a retirada da cobertura, assim como as aberturas de vãos nas alvenarias, também foram atos de vandalismo como tentativa das pessoas marginalizadas se apropriarem do local. As ações do fogo, da vegetação que se acumula no local e outras ações do tempo colaboraram para a deterioração do local.

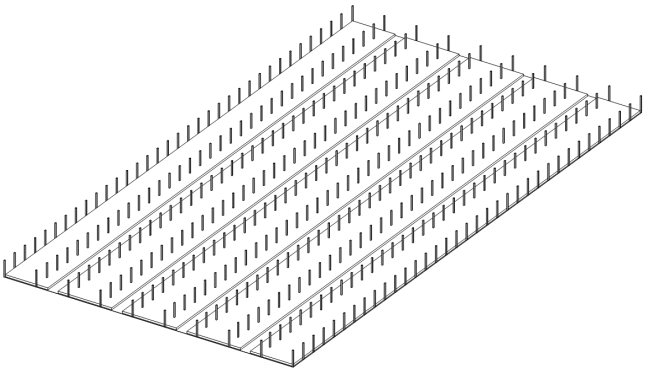


Planta térrea

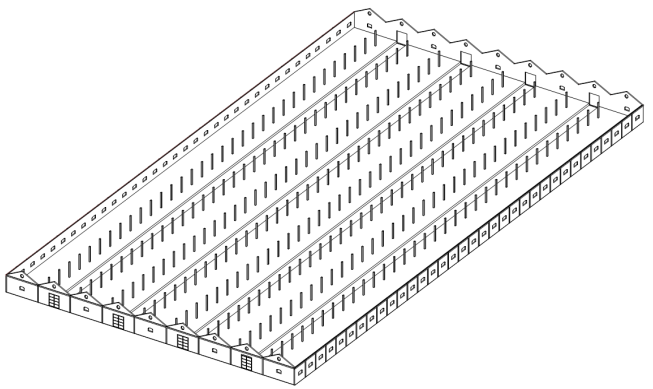
0 4 12



Laje dividida em 5 partes, elevadas à 0,60cm em relação a antiga passagem do trem.

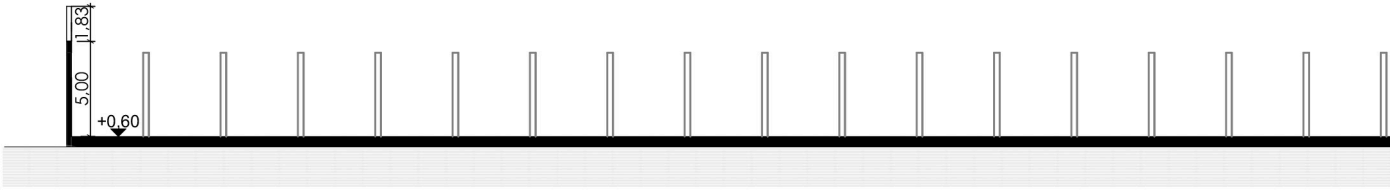


Sequência de pilares de concreto, sem divisórias internas.

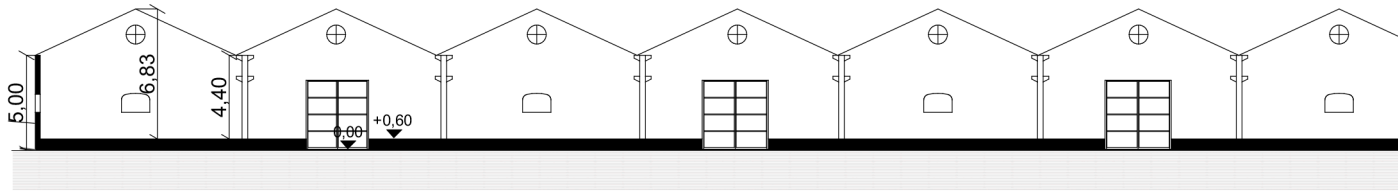


As fachadas são em alvenaria, composta por modulações repetidas, é uma arquitetura simétrica com formas simples e geométricas.

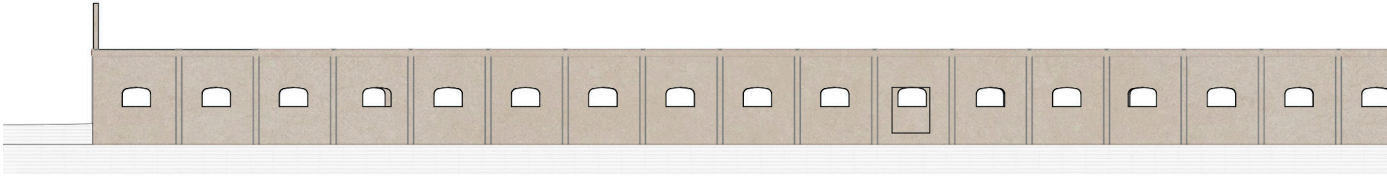
Isométrica
S/escala



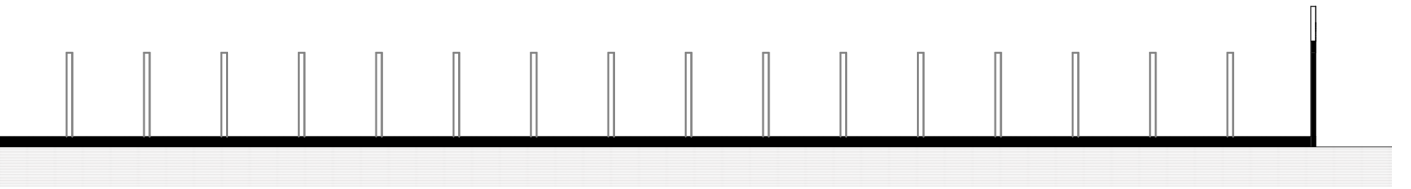
Corte A-A | 1:400

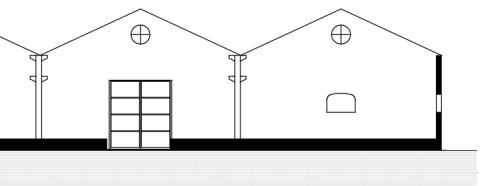


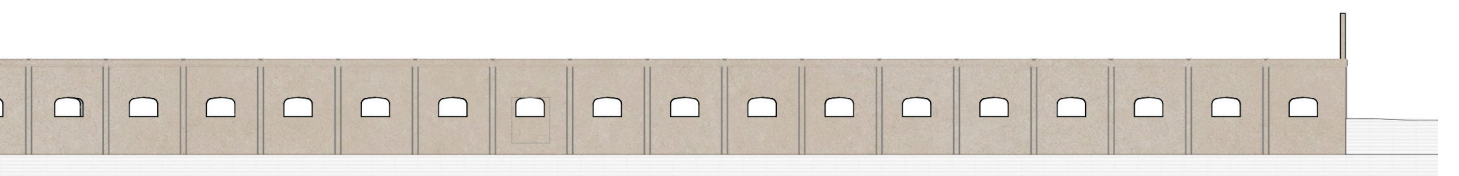
Corte B-B | 1:400

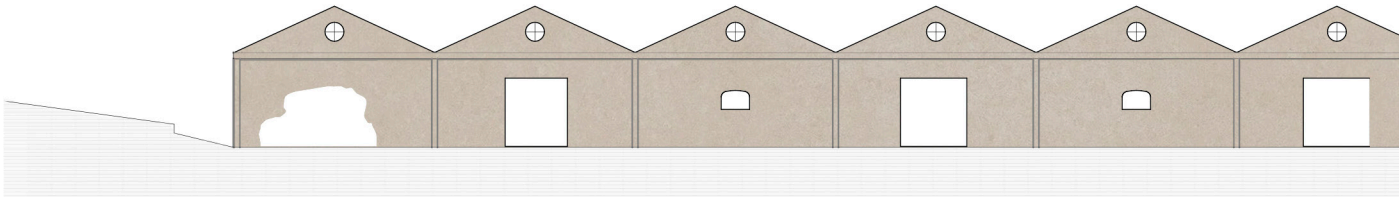


Elevação 01 | 1:400

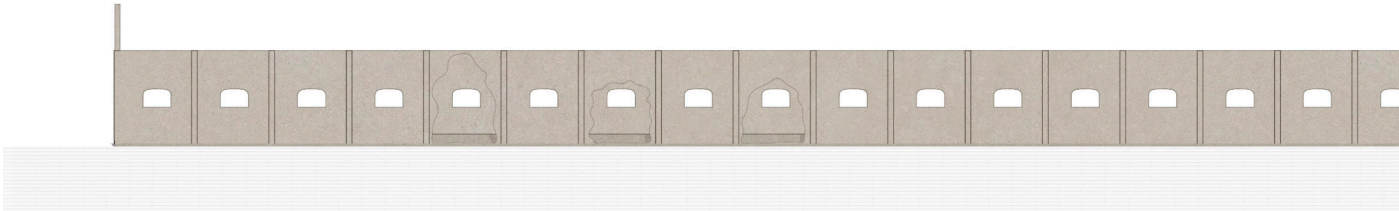




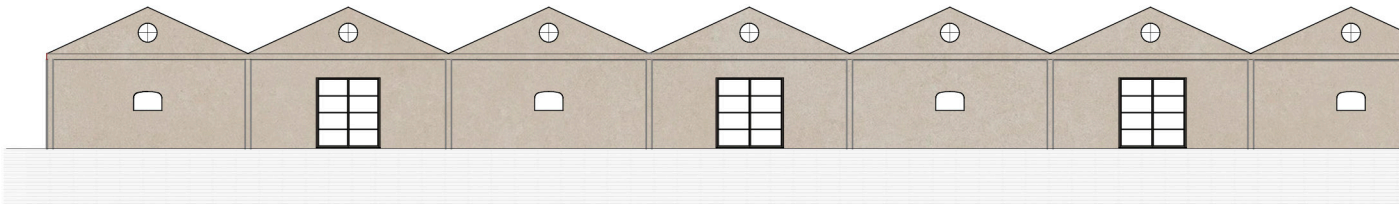




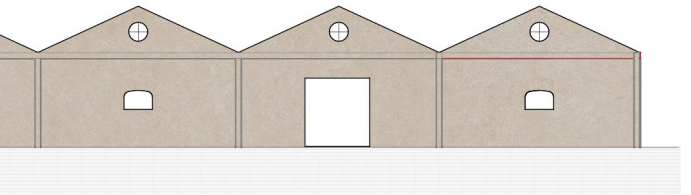
Elevação 02 | 1:400

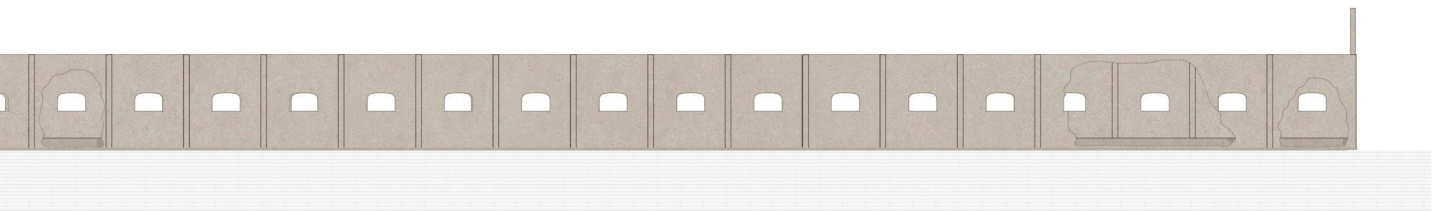


Elevação 03 | 1:400



Elevação 04 | 1:400





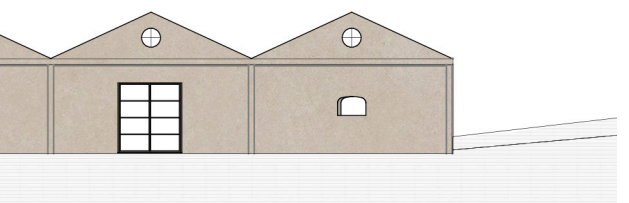








Figura 53 à 58 - CEAGESP
Fonte: a autora, 2022







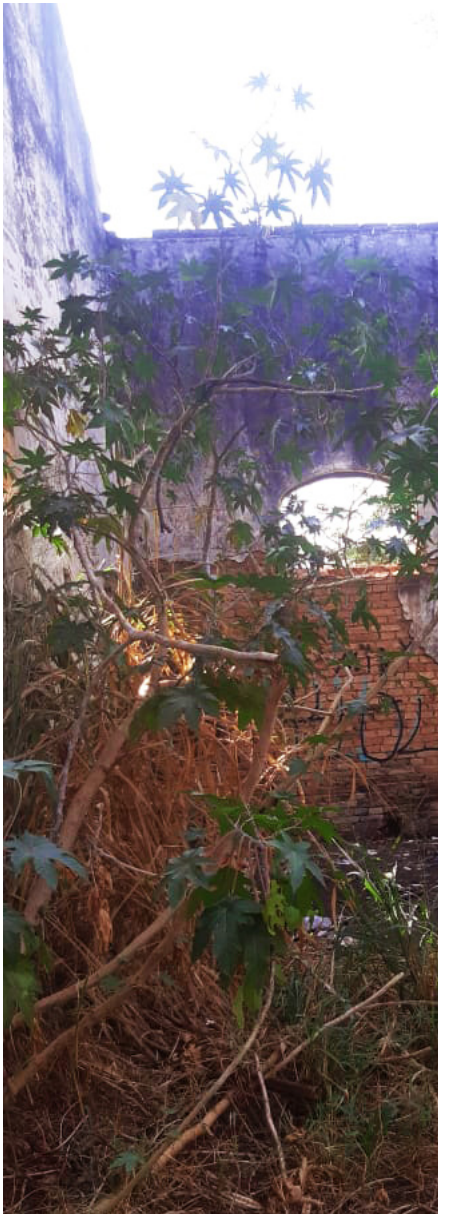








Figura 59 à 63 - CEAGESP
Fonte: a autora, 2022



D P I
S S
I O


APRO-
XIMA-
ÇÃO

O projeto elabora um dispositivo de aproximação temporária, visando conectar tempos diversos de percepção do espaço e da história do lugar. Em uma primeira aproximação a instalação encontra no antigo galpão Ceagesp um lugar para interferência. Em estado de ruína, os contornos do antigo galpão apresentam os efeitos da ação do tempo. Um local de suma importância histórica que constitui a memória coletiva da cidade, do bairro e de seus usuários.

O dispositivo de aproximação visa ativar temporariamente esse lugar, assim aproximando e revelando a memória coletiva do urbano, sedimentada nas camadas de tempo que persistem no lugar, possibilitando fruição e [re]conexão.

O galpão apresenta sua ossatura evidente, os pilares marcam um ritmo, uma cadência no espaço. A ausência da antiga cobertura, deixa em estado vulnerável a edificação, sujeita às intempéries. Seus muros, carregam o desenho de suas aberturas originais, mas também deixam marcas da violação por ocupações irregulares. Em seu interior a vegetação reivindica seu lugar de direito e cresce marcando o passar do tempo em abandono. A instalação temporária não

tem a pretensão de solucionar os problemas gerados pelo abandono, mas sim aproximar, sinalizar e ativar a memória coletiva, para que futuras soluções e ocupações permanentes possam ser desenvolvidas.

O dispositivo de aproximação vem no sentido inverso do levantamento fotográfico da área. Sinalizados em laranja os elementos de afastamentos, a linha de divisa entre as duas mãos da avenida, o gradil que separa o terreno, a lona que detona o uso, representando um distanciamento social onde permite as instalações irregulares e o capim que cresce e inviabiliza a aproximação do lugar.



Figura 64 à 68 - Série fotografica demarcando os elementos afastadores.
Fonte: a autora, 2022


FIM DA
RODOVIA
300 m













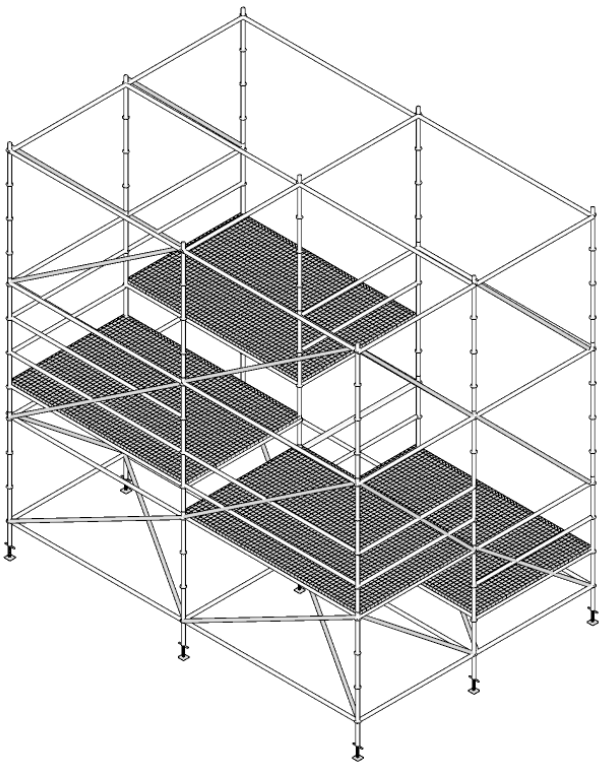
MÓDULO TOPOGRAFIA

Para criar o dispositivo de aproximação será trabalhado linha e plano, os elementos identificados nas fotografias fazem referência aos elementos utilizados na ocupação temporária. A demarcação das linhas de afastamento identificados, faz alusão ao tempo e fluxo de passagem, o capim existente recria uma nova topografia, são elementos que fazem parte da premissa projetual.

A ocupação temporária será composta por dois módulos diferentes, o “topográfico” e o “germinar” que deverá ser multiplicado conforme a instalação. Para o dispositivo se consolidar foi proposto a utilização de andaime multidirecional como estrutura, devido ao material escolhido é possível utilizar a tática de partição, assim havendo uma facilidade maior para o transporte e montagem no local.

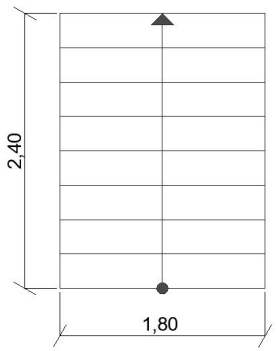
O módulo topográfico foi pensando para criar um percurso que se inicia na parte externa do galpão, a cor laranja de sua estrutura tem o papel de sinalizador destacando -se ao meio do abandono, sendo um convite para a pessoa urbana se aproximar. A multiplicação dos seus módulos é feita gradualmente conforme o tempo da instalação, estendendo-se no interior do galpão através das lacunas existentes em

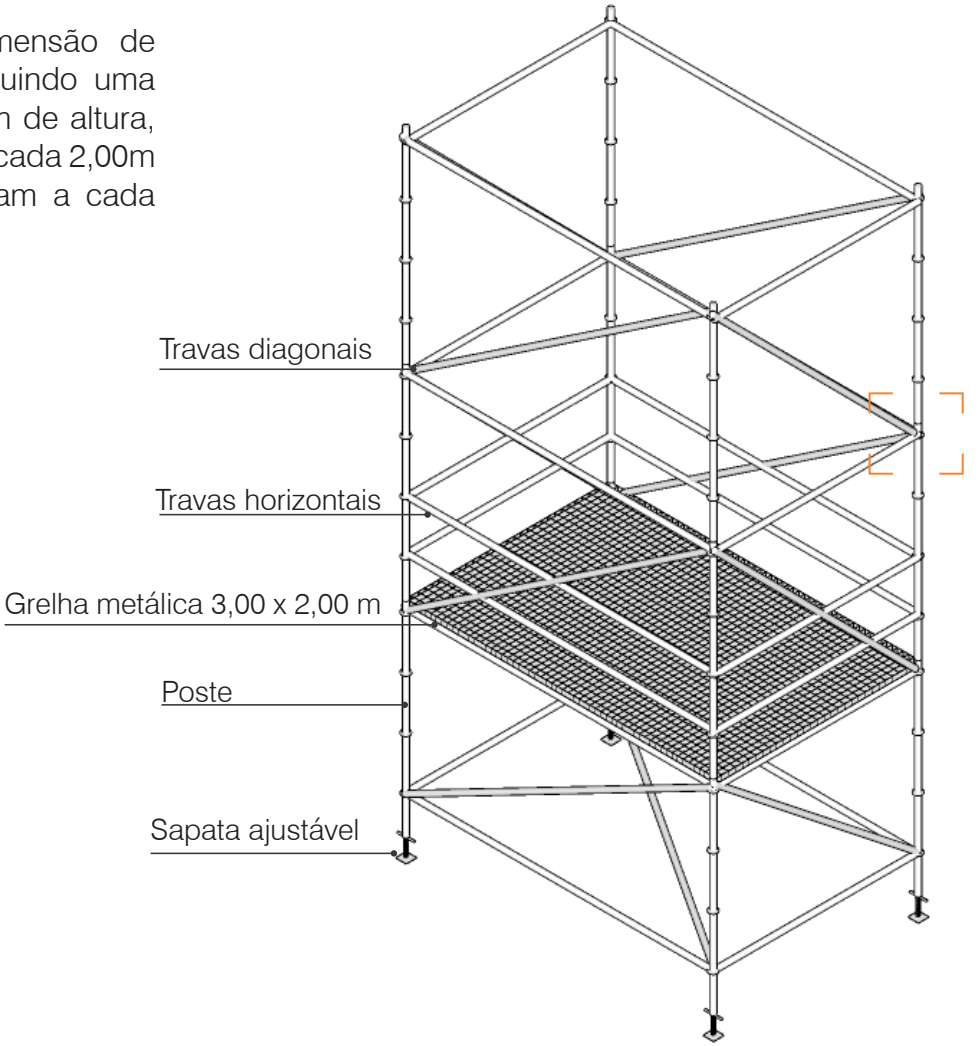
sua fachada, o caminhar e o percurso são realizados através da diferença de níveis das plataformas, que se adequam em função a altura da vegetação existente, assim recriando uma nova topografia e linha de horizonte.

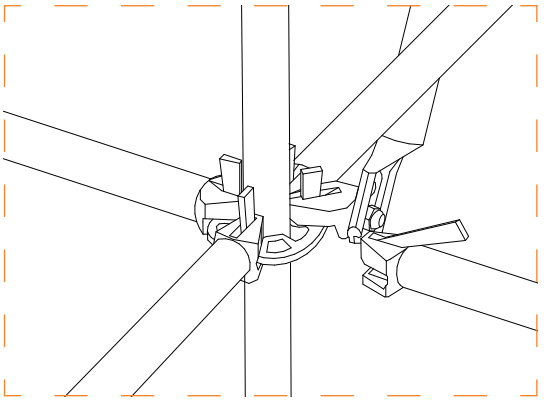


Os módulos têm a dimensão de 3,00 x 2,00 metros, seguindo uma modulação de até 6,00 m de altura, os postes se interligam a cada 2,00m e as plataformas modulam a cada 0,50 cm.

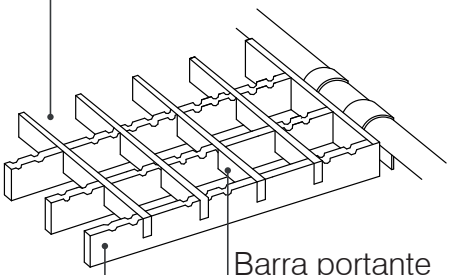
Escada metálica

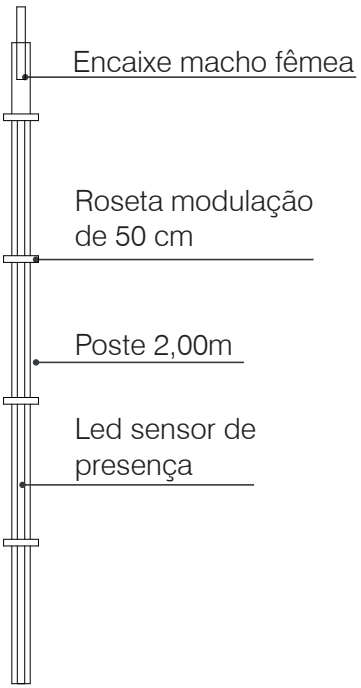


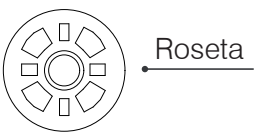


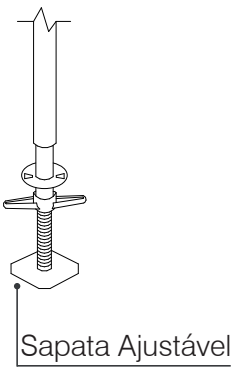


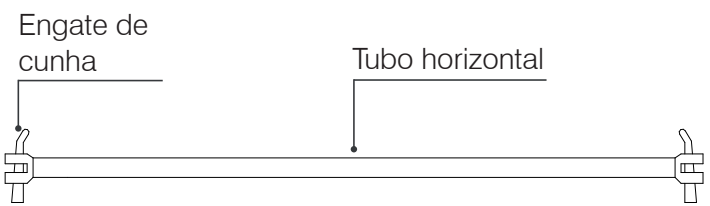
Encaixe dos tubos









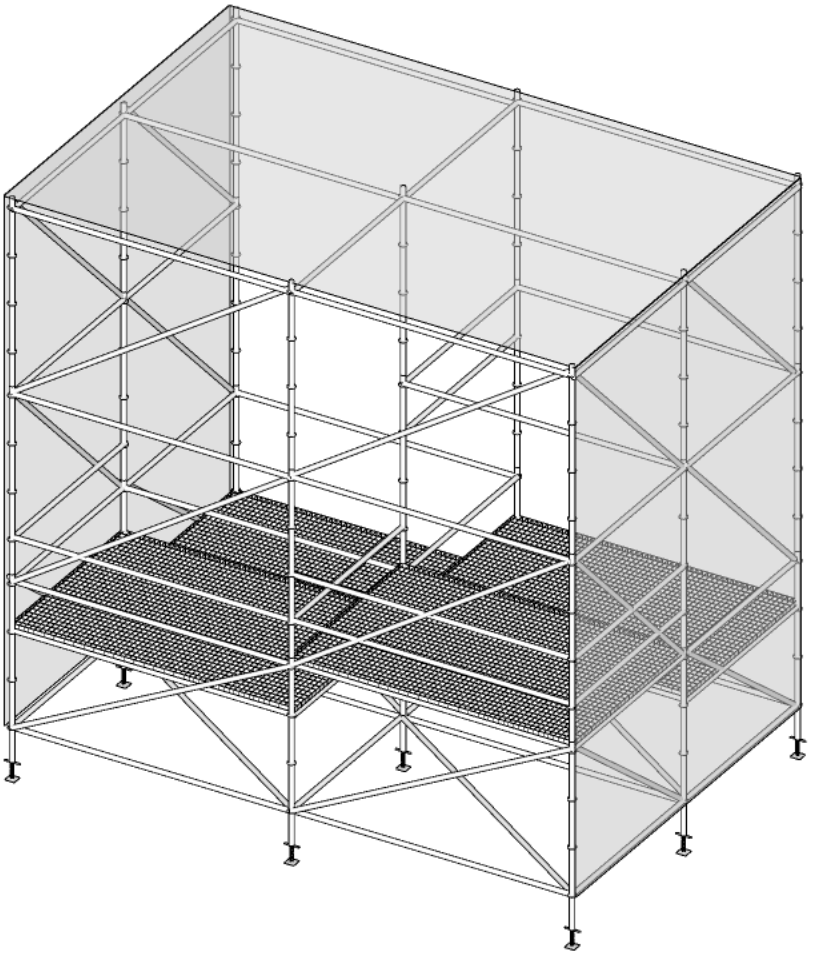


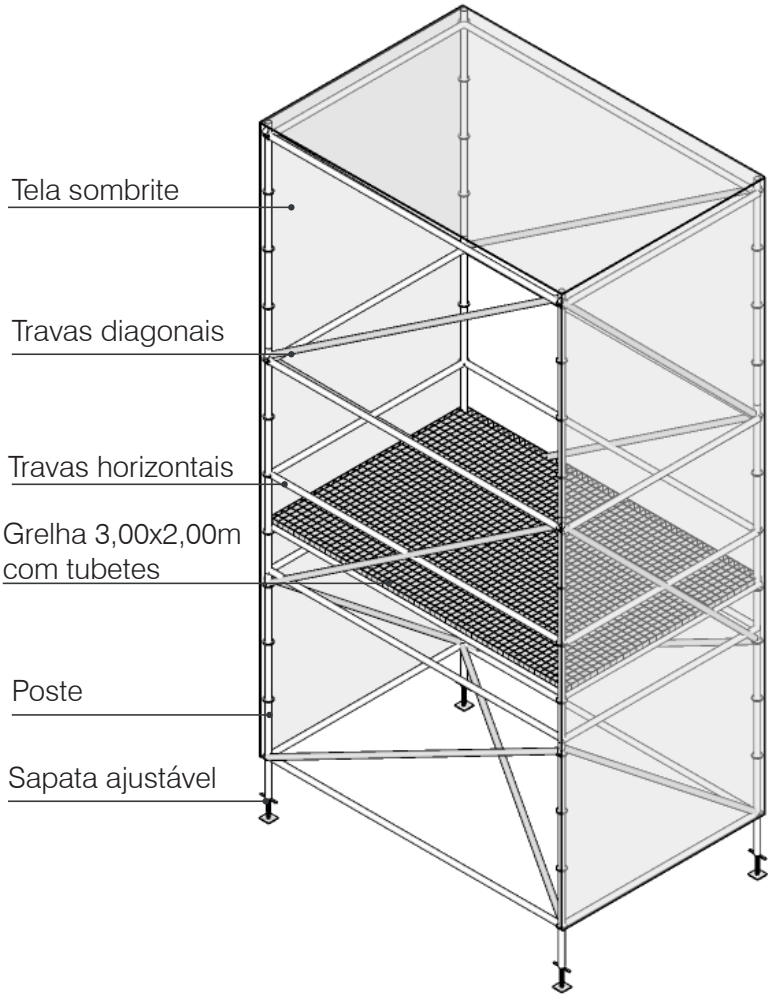
S | escala

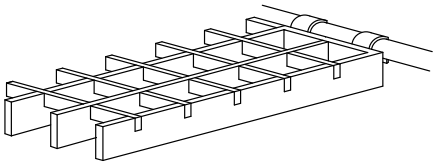
MÓDULO GERMINAR

O módulo germinar é composto pela mesma estrutura do topográfico, porém os vãos da grelha são preenchidos por tubetes, tem a função de germinar as hortaliças. Esse módulo foi proposto com a intenção de ser outro meio de aproximação físico e social, devido a necessidade que a periferia carece. Ele aproximasse do programa existente do outro galpão que hoje suporta as atividades do banco de alimento da cidade, e também do galpão de intervenção, onde sua antiga função era de armazém regulador de café, ambos relacionados ao cultivo.

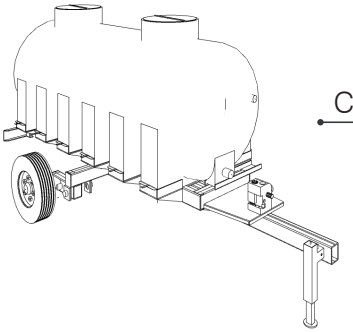
Para a germinação da horta, o módulo possuirá aspersores de irrigação fixados em sua estrutura, estando interligados nas mangueiras flexíveis que conectam na carreta tanque, onde será abastecida de água conforme necessário, também haverá a instalação de tela sombrite com função de proteger do sol o que será semeado.



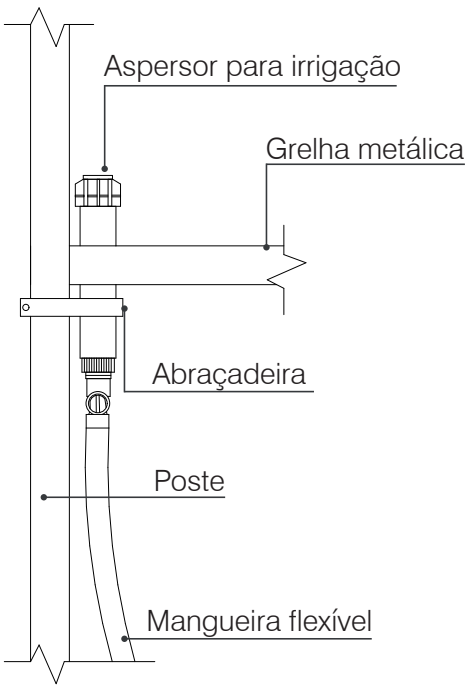

Tela sombrite
Travas diagonais
Travas horizontais
Grelha 3,00x2,00m
com tubetes
Poste
Sapata ajustável

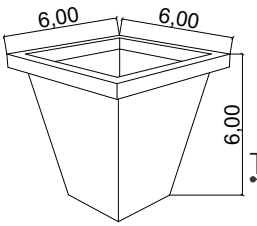


Modulação grelha
metálica 0,06 x 0,06cm

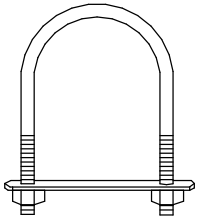


Carreta tanque pipa



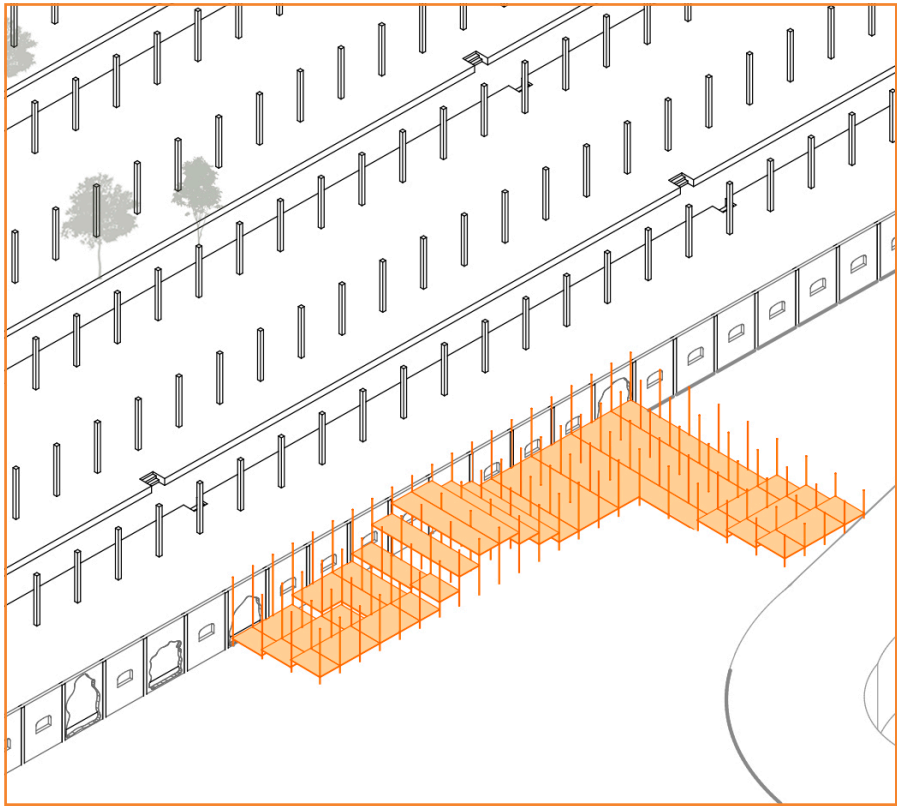


Tubete plástico injetado



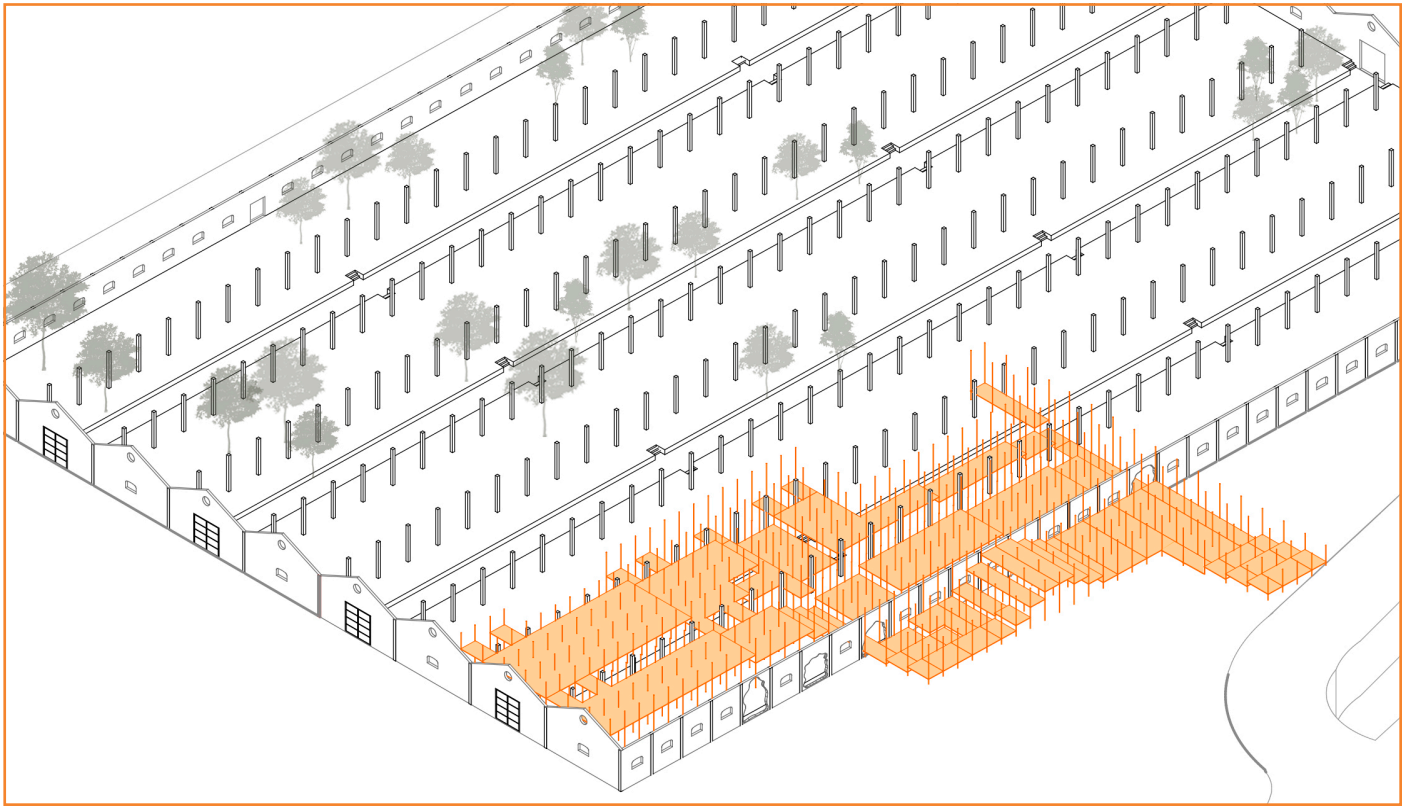
Abraçadeira em U

A multiplicação dos módulos ocorre gradualmente, conforme o tempo predeterminado da instalação correlacionada com o tempo da germinação.

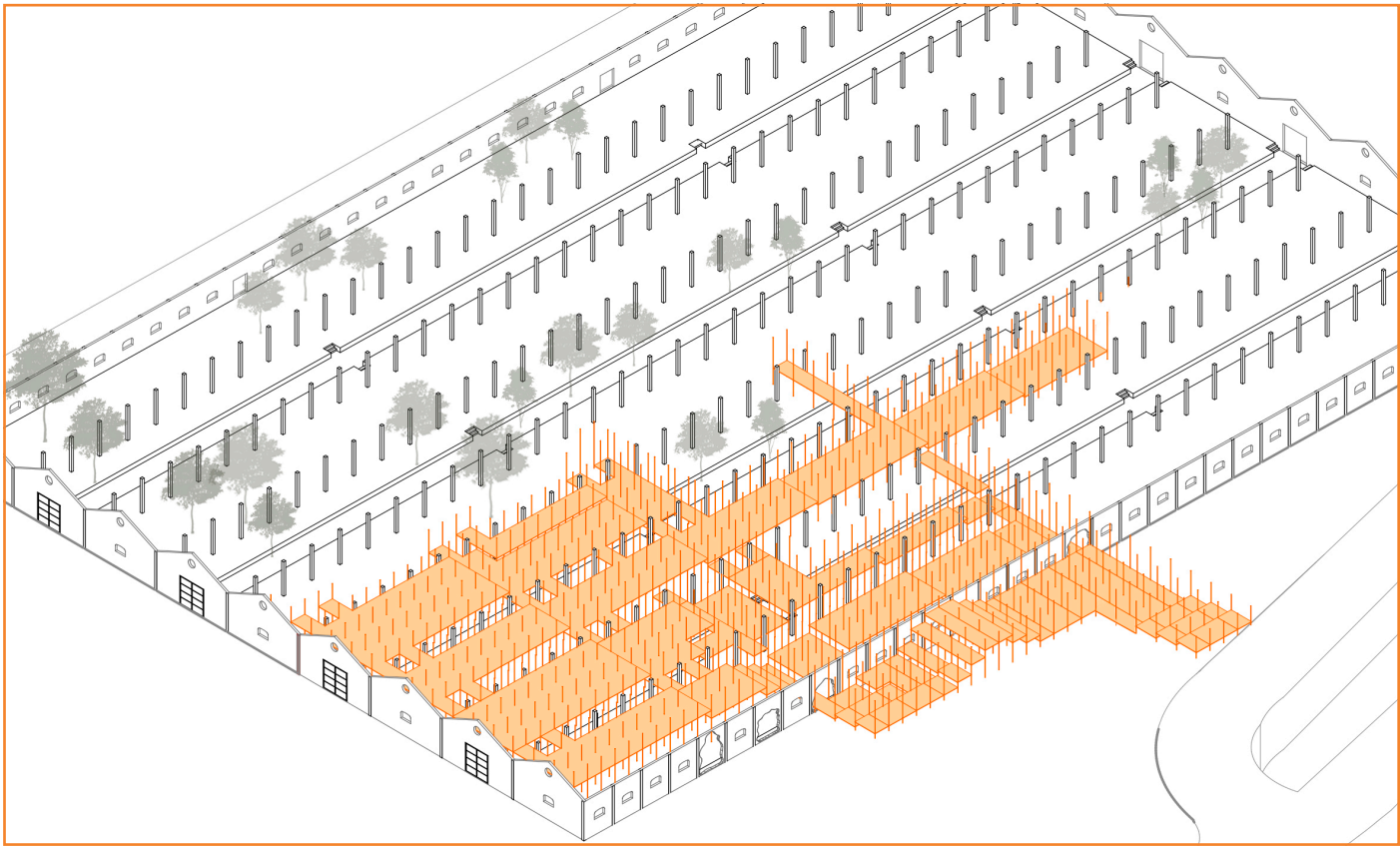


1| Convite para aproximação.

Diagrama percurso
S | escala

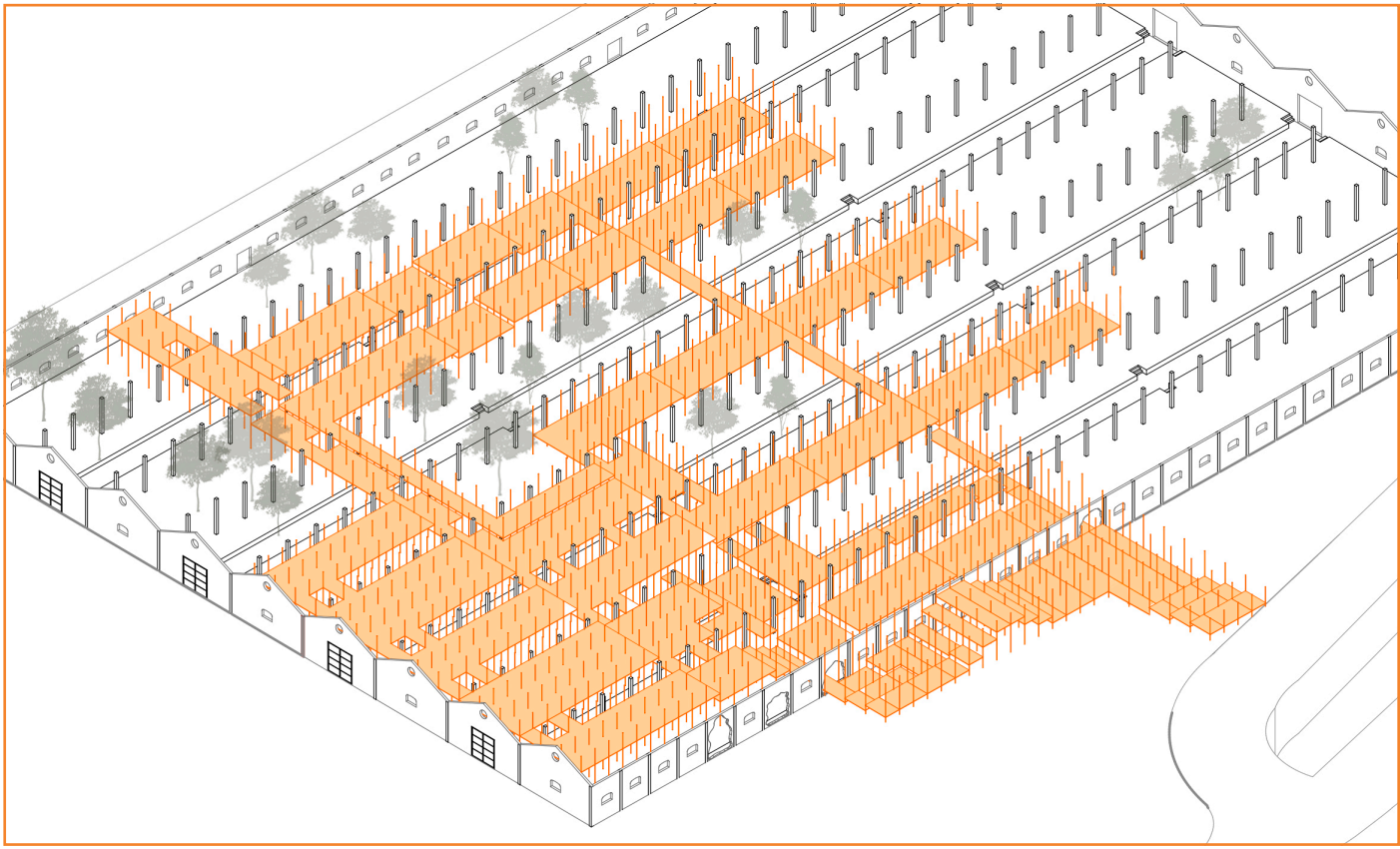


2 | Extensão do percurso e início da instalação dos módulos germinar.

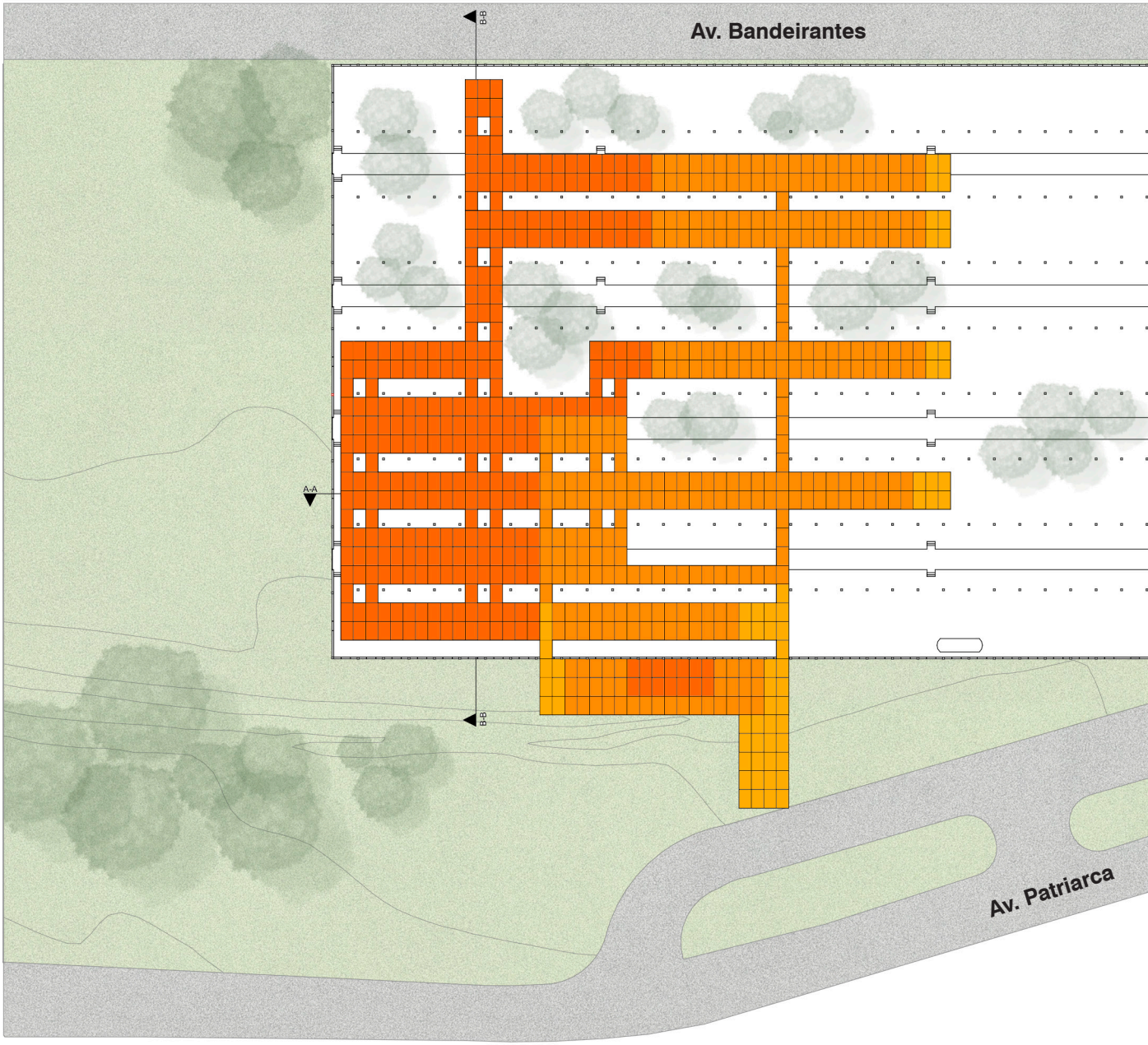


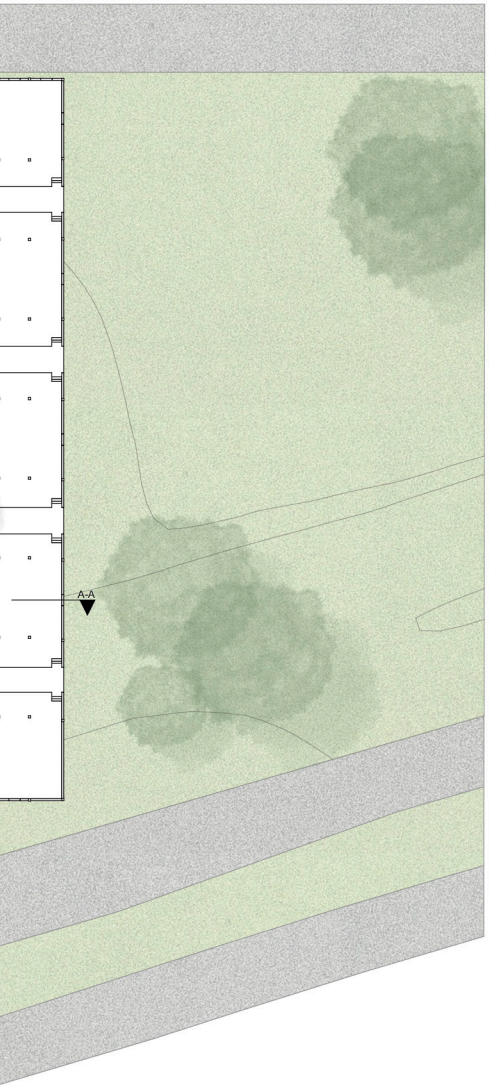
3| Extensão do percurso

Diagrama percurso
S | escala



4| Percurso finalizado.


Av. Bandeirantes
B-B
A-A
B-B
Av. Patriarca



Implantação | 1:1000

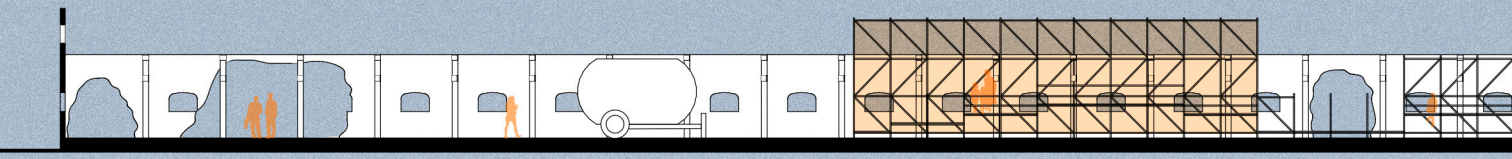
A implantação está indicando a disposição dos módulos conforme a altura da vegetação existente, percorrendo entre os pilares e se aproximando dos elementos arquitetônicos. A área maior que os módulos não foram implantados, é devido a vegetação mais baixa, podendo ser um local que o usuário poderá plantar e colher o que for germinado.

ALTURA DAS PLATAFORMAS

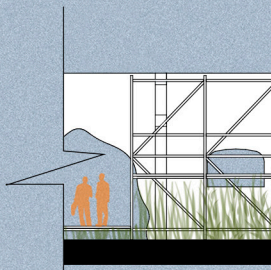
0,50 m à 1,00 m

1,50 m à 2,50 m

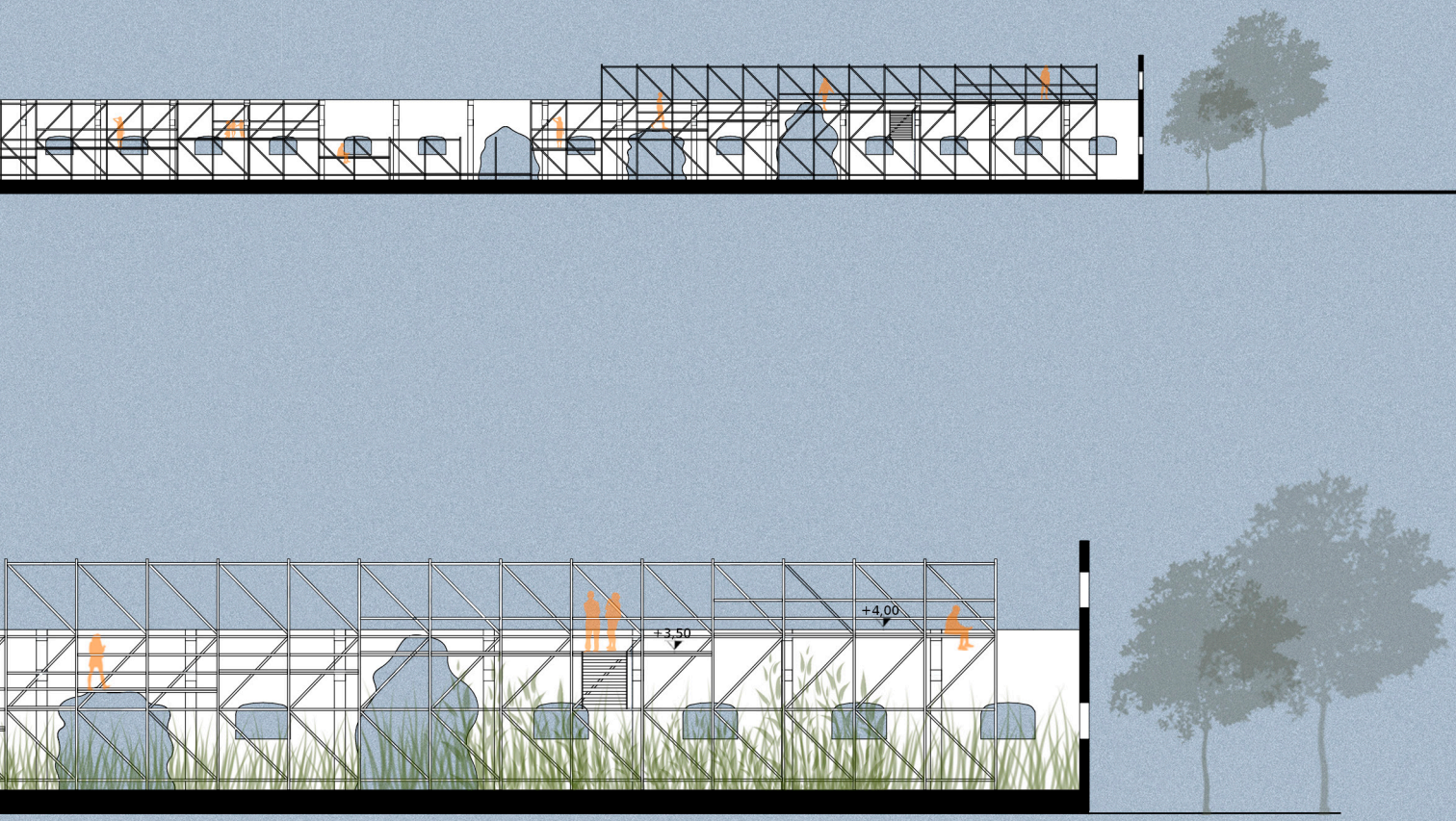
3,00 m à 4,00 m



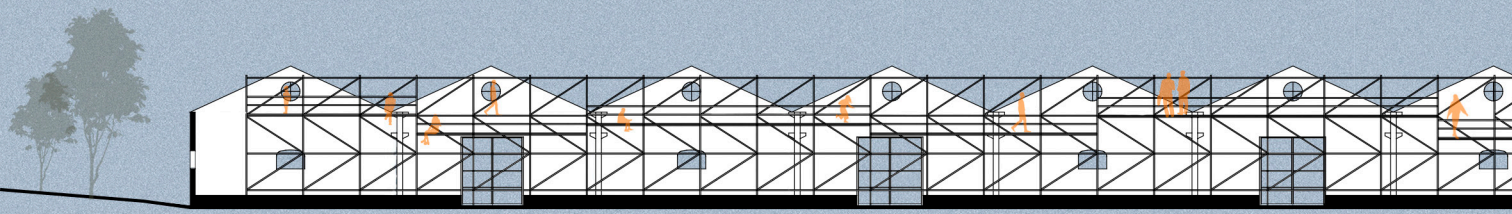
Corte A-A | 1:400



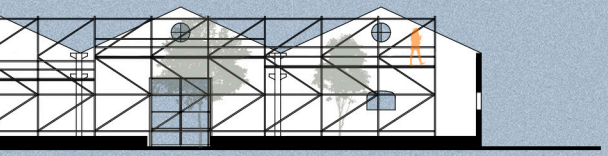
Corte A-A Amp

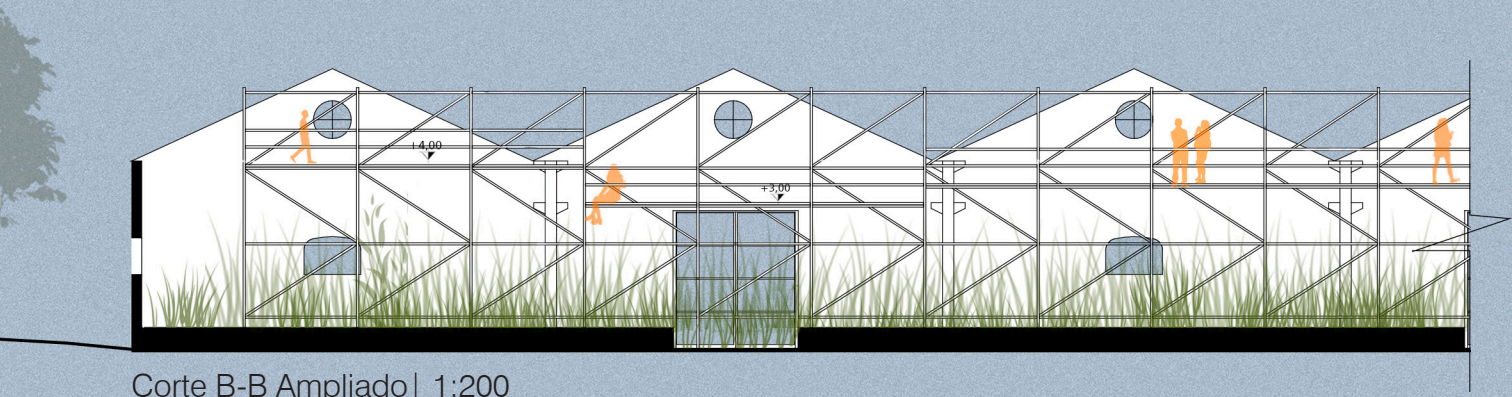


liado | 1:200



Corte B-B| 1:400

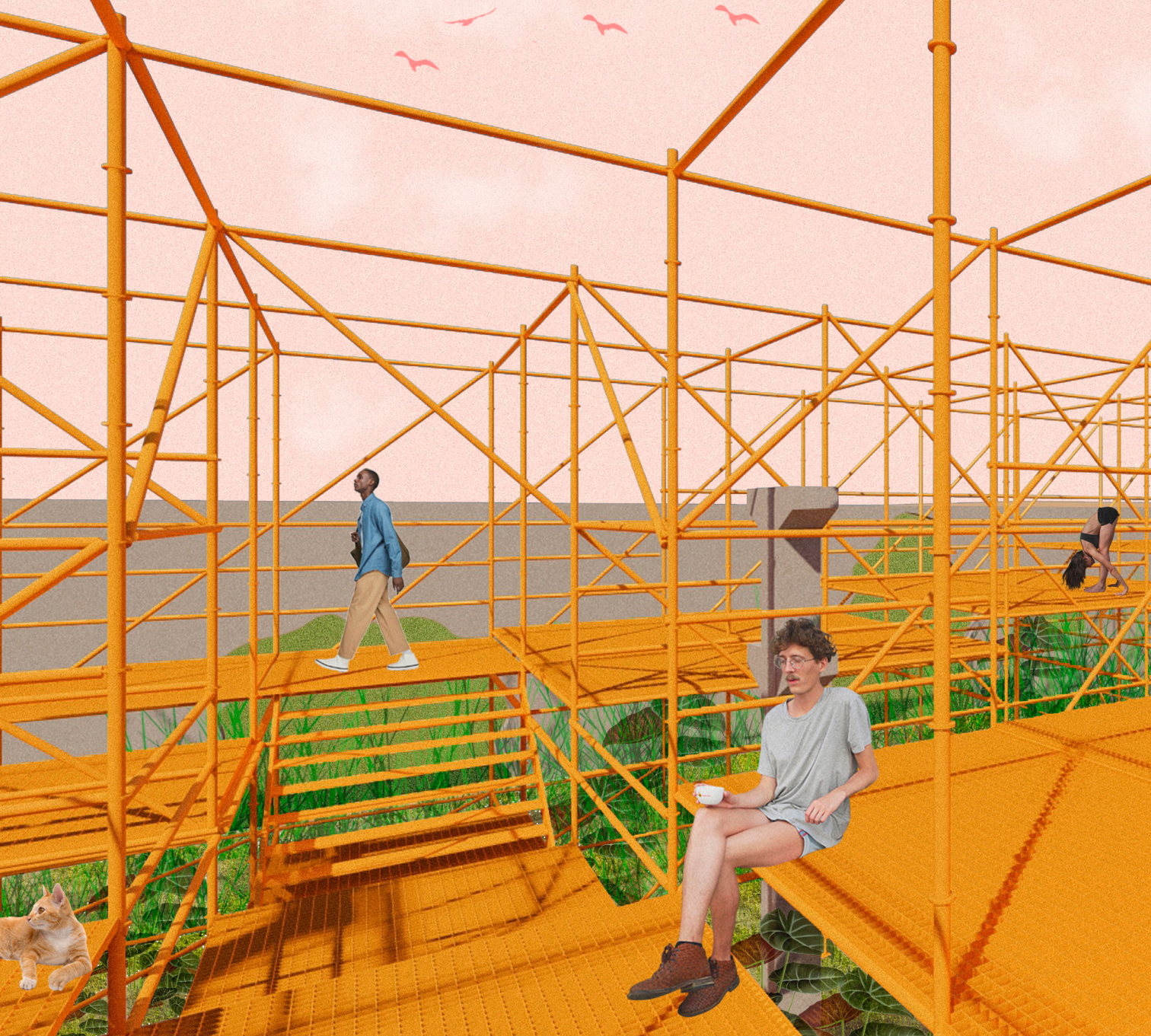


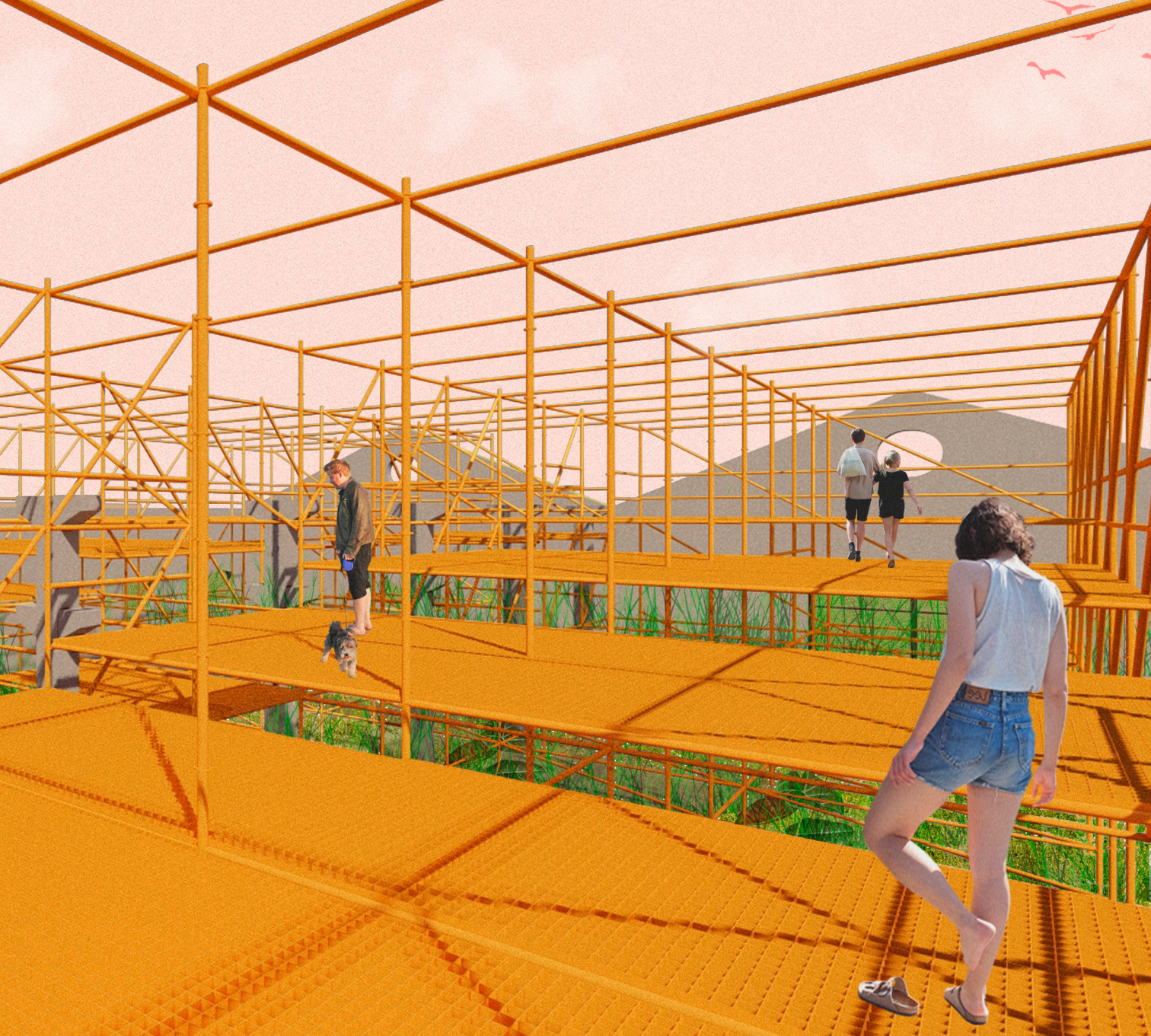


Corte B-B Ampliado | 1:200

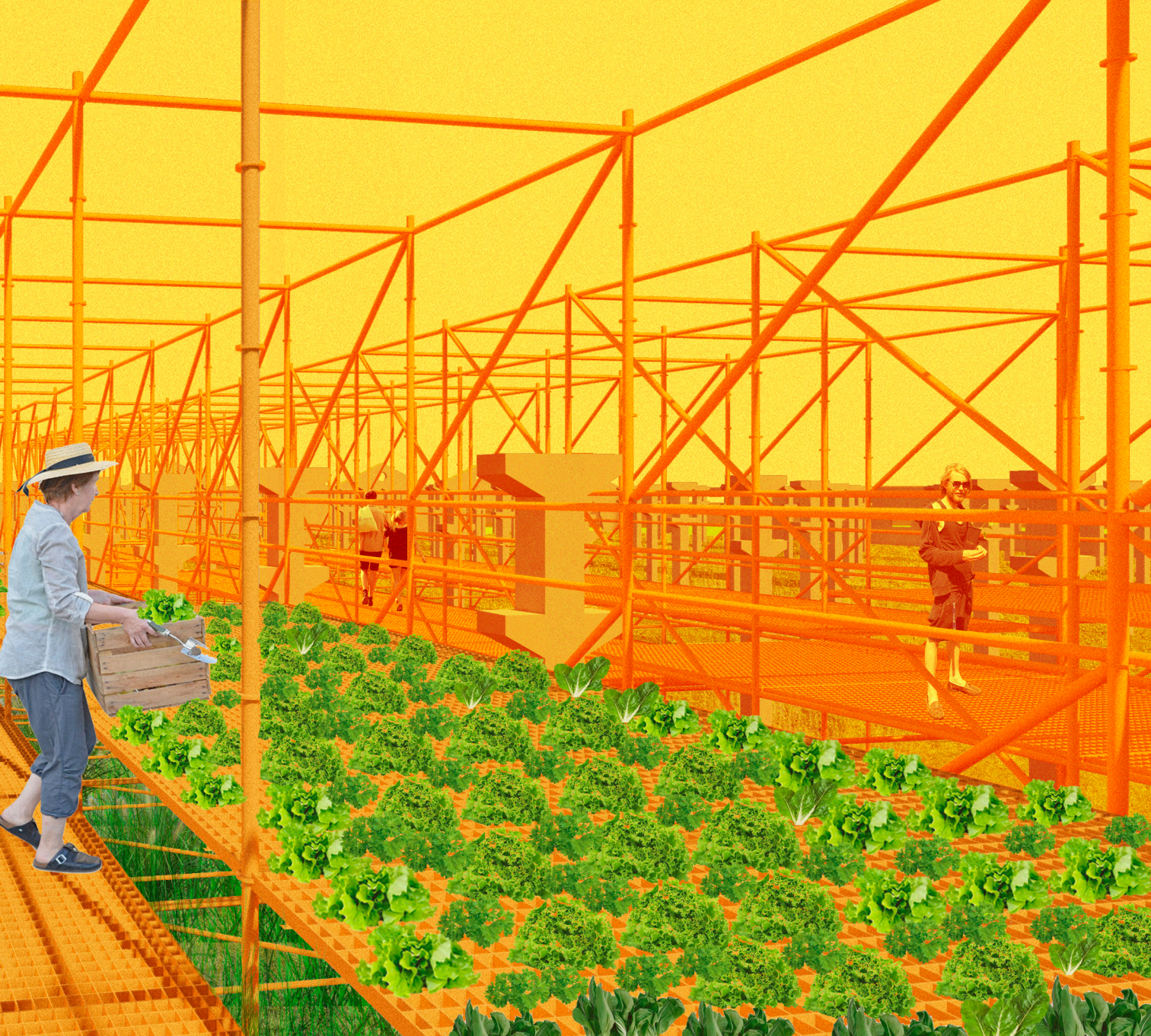




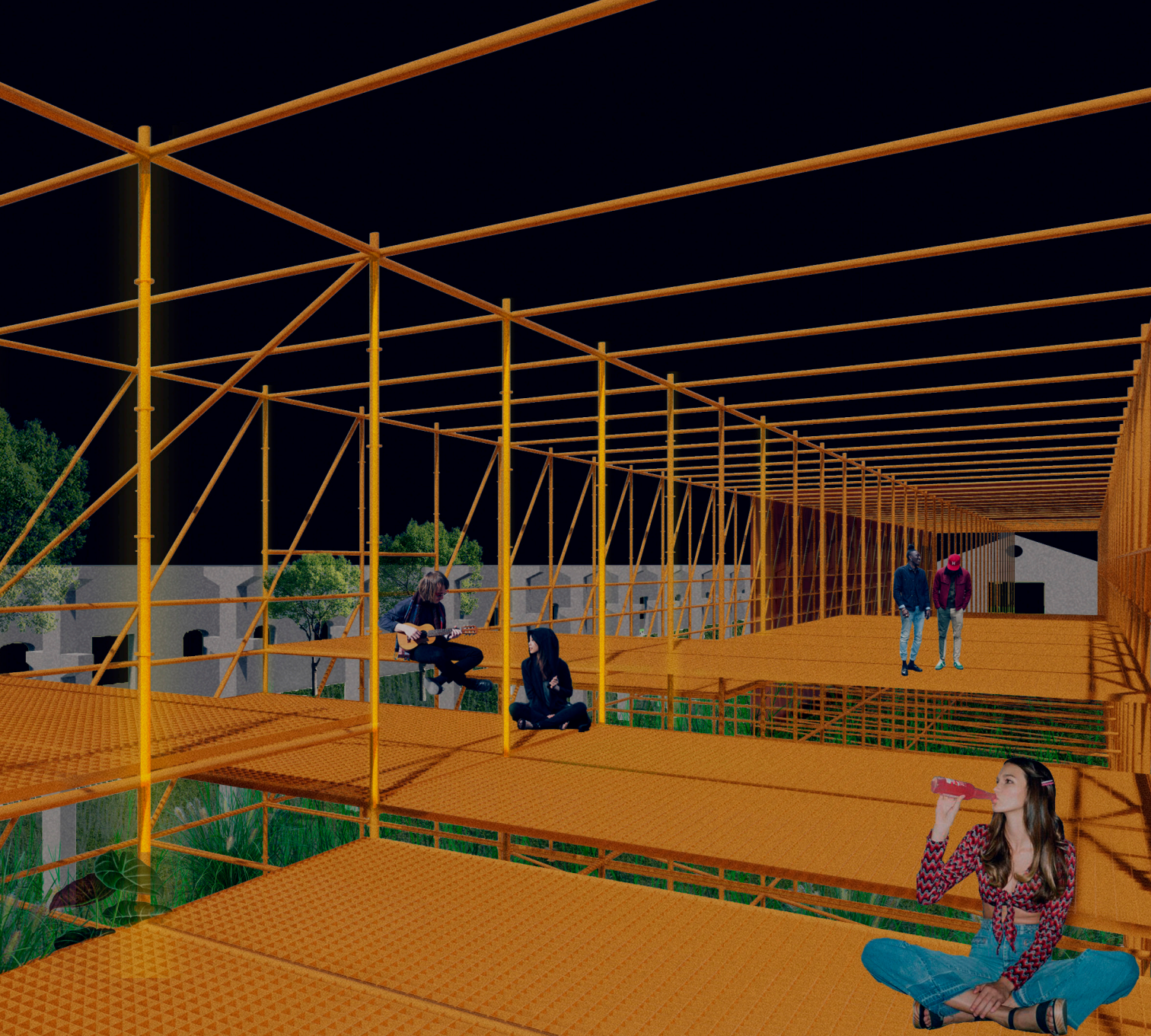












CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aponta primeiramente para a potência da aproximação entre arte e arquitetura na discussão dos espaços urbanos. Quanto esse espaço limítrofe entre essas áreas permite irrigar um ao outro, estender limites e borrar limites. Sinalizar, experienciar, permite ao arquiteto entender a arquitetura pelo que não é arquitetura e por isso acaba sendo.

essa intervenção em um lugar específico, retrata, sinaliza um momento e uma possibilidade. Não se presta a pensar absoluto. É uma possibilidade, como são os espaços de abandono: uma possibilidade.

Tendo como foco sinalizar esses espaços ignorados, aproximar e [re]conectar o usuário e as camadas do tempo, o que se propõe é um procedimento de ativação urbana, que obviamente não será único.

REFERÊNCIA

AKAMATSU, Etienne. **Mémoire, temps, histoire**. Paris: [s.n.], 1996.

AMARANTE, Bruno. **A estética da ruína como poética**. 2013. 95 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ANDMAX. **Manual Técnico Andaime Multidirecional**. 2015. Disponível em: https://docplayer.com.br/25720158-Manual-tecnico-andaime-multidirecional-sistema-multimax.html. Acesso em: 15 out. 2022.

ARTE/CIDADE. **Arte/Cidade III**. São Paulo, 1997. Disponível em: http://www.artecidade.org.br/indexp.htm. Acesso em: 10 mar. 2022.

BEIGUELMAN, Giselle. **Em tempos de botox urbano, ruínas se tornam espaços críticos**. 2005. Disponível em: https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/01/1577381-em-tempos-de-botox-urbanos-ruinas-se-tornam-espacos-criticos.shtml. Acesso em: 10 mar. 2022.

CARMO, Heloisa. **Projeto de restauro do antigo armazém regulador da Avenida Bandeirantes**. 2009. 161 f. TCC (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Barão de Mauá, Ribeirão

Preto, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3.ed. São Paulo, Unesp, 2006.

CIRLOT, Juan- Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Morais, 1984.

CURRAN, Alvin. **Floor Plan notes from underground**. 1991. Disponível em: http://www.alvincurran.com/Notes%20From%20Underground.html. Acesso em 10 mar. 2022.

GHISLENI, Camila. **A potência do abandono: Políticas e contradições nas intervenções artísticas em espaços abandonados**. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florienópolis, 2017.

GRUA ARQUITETOS. **Cota 10**. 2015. Disponível em: https://www.grua.arq.br/projetos/cota-10#. Acesso em: 10 mar. 2022.

PENIQUE PRODUCTIONS. **A Piscina do Parque Lage**.

2015. Disponível em: https://www.peniqueproductions.com/project/a-piscina-do-parque-lage/. Acesso em: 10 mar .2022.

ROCHA, Teixeira. Os lugares do abandono. **Arquitextos**, São Paulo, [s.l.], ano 9, jun. 2008. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.097/137#:~:text=Nos%20lugares%20do%20abandono%2C%20muitas,est%C3%A9tica%2C%20a%20hist%C3%B3ria%20da%20arquitetura. Acesso em: 15 mar. 2022.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Terrain Vague in Territórios**. Barcelona: Gustavo Gili, 1996.

STOUHI, Dima. **Intervenção artística de Christo e Jeanne-Claude em Paris**. 2021. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/969421/intervencao-artistica-de-christo-e-jeanne-claude-em-paris-pelas-lentes-de-jared-chulski. Acesso em: 10 mar. 2022.

TRIGOSO, Ana Filipa Almeida. **Arquitetura: a arte de [não] saber cair**. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de arquitetura, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

VINCI, Laura. **Sem Título**. 1997. Disponível em: https://www.lauravinci.com.br/1997semtitulo. Acesso em: 10 mar. 2022.